







Vol. 2 | N.º 5 jul-ago-set/2021



Artista sul-mato-grossense homenageada e entrevistada: **DELINHA**, cantora e compositora sertaneja de Mato Grosso do Sul, por **Sylvia Cesco** e **Janet Zimmermann** 

História da UBE-MS: **Samuel Medeiros** discorre sobre o **CONCURSO 'NOITE DA POESIA'** -Histórico e Curiosidades Concurso **33ª Noite da Poesia**: Inscrições abertas até 20 de setembro de 2021! Leia na Seção Kuaapirê, subseção Concursos Literários



#### EXPEDIENTE

**Editora Geral** 

Sylvia Cesco

#### **Editoras Assistentes**

Janet Zimmermann Raquel Medina

#### Revisão Geral

Raquel Medina

#### Copidesque

Janet Zimmermann

#### **Conselho Editorial**

Diana Pilatti | dianapilatti@hotmail.com Janet Zimmermann | jizabeltx@yahoo.com Raquel Medina | ramddreams@hotmail.com Sylvia Cesco | sylviacesco@hotmail.com

#### Agradecimentos

À associada Diana Pilatti pela colaboração para com a Seção Kuaapirê; Ao Secretário Municipal de Cultura e Turismo, Max Freitas, pelo efetivo apoio a este periódico.



SECTUR

Secretaria Municipal de Cultura de Turismo

#### ASSOCIADOS COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

André Alvez, Angela Cristina Colognesi dos Reis, Camila Cabral, Dáfini Lisboa, Diana Pilatti, Douglas Calvis Crelis, Elias Borges, Fábio do Vale, Fábio Gondim, Guimarães Rocha, Inivaldo Gisoato, Iolete Moreira, Ismael Machado, James Jorge Barbosa Flores, Janet Zimmermann, Landes Pereira, Mara Calvis, Maria Gorete de Moura, Maria Madalena Dib Mereb Greco, Maria Marta Nardi, Paulo Eduardo Cabral, Raquel Medina Dias, Samuel Medeiros, Sylvia Cesco, Walesca de Araújo Cassundé.

AUTORES CONVIDADOS: Paulo Robson de Souza e Sidnei Olivio

#### **PROJETO EDITORIAL E CAPA**

Grafiqx Bureau de Impressão e Sinalização grafiqx@grafiqx.com.br

#### FOTOGRAFIAS DE ANGÉLICA FREITAS (capa, contracapa e miolo)

Dirk Skiba/Companhia das Letras

#### **ENDEREÇOS** (físico e eletrônico)

Av. Fernando Corrêa da Costa, 559, Centro, Campo Grande/MS, CEP: 79.002-820 E-mail: revistaliterariapiuna@gmail.com

#### CRIAÇÃO E REALIZAÇÃO





## **SUMÁRIO**

- 4 **EDITORIAL**, por Sylvia Cesco
- 6 ARTISTA HOMENAGEADA Delinha, por Sylvia Cesco
- 8 **ENTREVISTAS**Delinha, por Janet Zimmermann
- 1 | PORTA-RETRATOS (ensaios, artigos, história, reportagens)
  Angélica Freitas Ch-ch-changes: ondulações poéticas e a força do contemporâneo,
  ensaio de Dáfini Lisboa
- 17 **ORA (DIREIS) OUVIR ESTRELAS** (poesias)

Angela Cristina Colognesi dos Reis Camila Cabral Fábio do Vale Fábio Gondin Ismael Machado Janet Zimmermann Mara Calvis

Maria Gorete de Moura Maria Marta Nardi Raquel Medina Dias Sylvia Cesco Walesca de Araújo Cassundé **Aldravias:** Iolete Moreira **Poetrix:** Diana Pilatti

34 **PROSEIOS** (contos e crônicas)

André Alvez Douglas Calvis Crelis Inivaldo Gisoato James Jorge Barbosa Flores Maria Madalena Dib Mereb Greco Paulo Eduardo Cabral Walesca de Araújo Cassundé **Histórias da UBE-MS** Guimarães Rocha Samuel Medeiros

53 **LUMINARES FILOSÓFICOS** (reflexões sobre a existência humana)

Elias Borges Landes Pereira

- 58 **KUAAPIRÊ** (notícias, lançamentos de livros, resenhas, concursos literários, chamadas para livros e revistas, eventos literários), por Diana Pilatti
- 66 **PIUNINHA** (Literatura Infantil)
  Autores Convidados: Paulo Robson de Souza e Sidnei Olivio
- 71 LAMBE-LAMBE (retratos dos associados e dos eventos promovidos pela UBE/MS)
- 74 NORMAS PARA PUBLICAÇÃO



## **EDITORIAL**



sses últimos meses, julho e agosto, foram extremamente secos por estas bandas do cerrado e do pantanal sul-mato-grossense, baixando drasticamente a umidade do ar. Esse é um fenômeno meteorológico muito desconfortável. Há, porém, compensações: uma delas foi a ocorrência das floradas das piúnas - ipês roxos, que dão nome à nossa Revista, periódico literário da UBE/MS. Diante dos nossos olhos maravilhados, nas cidades ou nos campos, elas irromperam feito incontroláveis cachoeiras, desaguando em flores roxas e lilases, renovando nossas líricas bodas com as borboletas ou simplesmente anoitecendo mais cedo os pores do sol. E é sob a profícua mística dessas árvores – piúnas – que nossa Revista chega à sua 5ª edição. Sempre organizada em seções variadas, que vão da prosa ao verso, das notícias literárias aos registros históricos da UBE-MS, das reflexões filosóficas à literatura infanto-juvenil, desde quando brotou, exatamente há um ano, nossa Piúna vem procurando também prestigiar artistas de outras áreas culturais: pintura, fotografia, música. Nesta edição, a homenageada é a querida Dama do Rasqueado, Delanira, nossa amada Delinha, entrevistada pela ubeana, poeta premiada Janet Zimmermann, nossa prestimosa Editora Assistente, "aquela que vos fala (...), a que se dilata a cada cantarolar de pássaro amigo", no dizer dela mesma, e que ouso completar: "a cada brotação do verbo piunar". Também vamos encontrar nesta Revista o ótimo ensaio sobre a

poeta gaúcha Angélica Freitas, cuja obra "Um útero é do tamanho de um punho" revela as diversas perspectivas sobre a realidade atual da mulher brasileira. Ainda, Samuel Medeiros, vice-presidente da UBE-MS, registra, neste número 5, partes da história do já conhecido concurso nacional Noite da Poesia, realizado há 33 anos pela UBE/MS, que neste ano acontecerá dia 30 de outubro. Importante: ainda dá tempo de se inscrever para o concurso. Leia regulamento nesta edição. E, para encerrar, registro as palavras da nossa Editora Assistente:

(...) o Editorial também não conseguiria dar corpo à Revista sem os textos dos associados colaboradores. Portanto, não há, no Corpo Editorial e na Direção da UBE-MS, um só componente digno de glória única, desde a sua criação. Mas todos nós, com nossos árduos trabalhos, não conseguiríamos levar adiante tais projetos sem a colaboração da SECTUR (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo), pelo Secretário Max Freitas. (...) reitero que somos merecedores de glória, sim, mas de glória conjunta. Nós somos, unidos, o espírito da Revista Piúna. Pois que ela rompa horizontes e leve a literatura ubeana para muito além das fronteiras! (J.Z)

Boa leitura!

**Sylvia Cesco** Editora Geral







## **DELINHA**



**DELANIRA PEREIRA GONÇALVES**, a nossa amada **DELINHA**, nasceu em Vista Alegre, em sete de setembro de 1936, no ainda estado de Mato Grosso. Cantora e compositora, a Dama do Rasqueado de Mato Grosso do Sul, a Embaixadora da Cultura de Campo Grande/MS, ícone da velha-guarda da música sertaneja – brasileira e de fronteira – manteve em evidência um estilo musical próprio: o rasqueado. Um dos maiores símbolos femininos do estado, Delinha cantou o amor por onde passou, desde o tempo em que fazia shows com Délio, seu parceiro na dupla Délio e Delinha, com seu companheiro Jairo Ferreira Barbosa – Jairo e Delinha – e depois em carreira solo. E, com seus vestidos rodados, bordados com folhas e flores coloridas que mais parecem vivos jardins, Delinha, para a alegria geral desta terra pantaneira, segue, com seu filho João Paulo, encantando gerações.

Contato: (067) 99989-3123



## POESIA CHAMAMEZEIRA PARA DELINHA

(Sylvia Cesco)

Numa singela casinha lá no Bairro Amambaí mora importante Dama formosa cunha-taí de merecida e eterna fama.

Quem não conhece a Delinha que embala os corações com suas polcas paraguaias? Seus chamamés e guarânias (re) avivaram paixões cantando em dupla ou sozinha.

Nos mais diversos rincões nos palcos mais variados, em circos, rádios, TV, o seu nome é conhecido como "Dama do Rasqueado".

Com xales, saias rodadas coloridas e floreadas e sua bela voz de ouro, Delanira, ou simplesmente Delinha, é um musical tesouro, orgulho da nossa gente.





# **DELANIRA PEREIRA GONÇALVES: DELINHA**

## Nossa rainha da velha casinha

(Janet Zimmermann)



\*\*

1. Janet Zimmermann: A Sra. nasceu em Vista Alegre, distrito de Maracaju, no ainda Mato Grosso. Com que idade veio morar em Campo Grande-MS? O que se lembra desse começo de vida?

**Delinha:** Sim, nasci em Vista Alegre e vim pra Campo Grande com quatro anos. Chegando aqui, meu pai construiu uma casa no Bairro Imbirussu. Nessa idade, eu vendia leite (carregado no embornal de duas bandas que a minha mãe confeccionou com sacos de açúcar). Vendia, também, banana, laranja e mandioca (com a bacia na cabeça) que meu pai trazia da chácara. Vendia isso tudo antes de ir pro Colégio.

#### 2. JZ: A partir de qual idade a Sra. começou a cantar? Na sua família também havia músicos?

D: Comecei com quatro anos cantarolando "A Jardineira", marchinha de carnaval cantada por Orlando Silva. Depois, minha mãe, que achava que a minha voz era boa e sonhava em me ver cantar, me colocou no coral da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Comecei a cantar profissionalmente com dezenove anos. Meus tios – Lourival e Izaltino – e minha família eram catireiros.

3. JZ: Como a Sra. começou a trabalhar desde tenra idade, imagino que isso deva tê-la marcado muito pelo fato de a vida ter subtraído bons e mágicos momentos da sua infância, mas, ao mesmo tempo, lhe incutido, prematuramente, o valor da responsabilidade. Como a Sra. analisa isso?

**D:** Sim, me marcou profundamente, porque a minha criação foi muito severa, ainda mais por ser filha única. Quando completei sete anos meu pai me matriculou no Colégio Estadual Campo-Grandense, onde estudei até os oito anos, pois ficava muito longe pra ir a pé. E passei a estudar numa escola perto de casa. Mais tarde, com muita dificuldade, minha mãe (Dona Chiruca) me matriculou no Colégio das Irmãs Vicentinas onde, depois das aulas, eu varria as salas e lavava privadas. Foi um tempo rigoroso, de muito estudo, reza e trabalho. Mas, apesar de ter tido uma infância muito difícil, foi bom, porque fui adquirindo, desde cedo, responsabilidades.

4. JZ: A Sra. teve como professora de Português a grande escritora Maria da Glória Sá Rosa. E como eram as aulas por ela ministradas?

**D:** Maravilhosas. E "Português" era a minha matéria preferida. A professora Glorinha era enérgica, mas muito boa e querida por todos. Tenho muita saudade dela.



Delinha com 7 anos ao lado dos pais Avelardo e Jerônima (Dona Chiruca)









## 5. JZ: A Sra. foi influenciada por quais ritmos musicais?

**D:** Apesar da polca, da guarânia e do chamamé, comuns nos bailes da minha mocidade, fui mais influenciada pelo rasqueado.

# 6. JZ: A Sra. começou a cantar com Délio, então seu noivo. Com qual idade e como aconteceu a formação da dupla "Délio e Delinha"?

D: Com dezenove anos ele, meu primo por parte da minha mãe, veio morar na nossa casa. Aí começamos a cantar, primeiro por brincadeira, depois, com o tempo, profissionalmente. O Délio me ensinou as cifras musicais no violão. Depois, antes de ir pra São Paulo, nos casamos em Vista Alegre, numa cerimônia muito simples. Em São Paulo nós, "Délio e Delinha", "O Casal de Onças de Mato Grosso", fizemos muitas apresentações em rádios e shows, inclusive em circos. Foi bom, apesar de difícil. Aprendemos muito.

# 7. JZ: Por que e como foi a volta da dupla para Campo Grande/MS?

**D:** No ano de 1964, vencidos pela saudade, regressamos a Campo

Grande e fizemos um show no antigo relógio da Rua 14 de Julho com a Av. Afonso Pena. O lugar ficou lotado.

## 8. JZ: Quantos discos, CDs e DVDs a Sra. gravou até aqui?

**D:** Com Délio, gravei 14 discos de 78 rotações, 2 compactos, 19 LPs. Depois, 2 CDs, 2 DVDs, sendo um com Délio (cinquenta anos de carreira) e outro, "Delinha Sinfônico – A vida que eu levo", com João Pau-

lo e grandes músicos, e com a Orquestra Sinfônica de Campo Grande, regida pelo maestro Eduardo Martinelli.

# 9. JZ: Depois da partida eterna de Délio (fevereiro de 2010), com quem a Sra. seguiu a sua carreira musical?

**D:** Com o falecimento de Délio, segui cantando com João Paulo, meu filho amado, e com o grupo Antigo Aposento.





# 10. JZ: E como estão sendo, neste tempo pandêmico, suas apresentações com João Paulo?

**D:** Paramos com os shows, só fazemos lives, que são novas e interessantes experiências para nós. E temos um programa na Rádio Difusora Pantanal (FM 101,9) aos domingos, das 12h às 14h - www.difusorapantanal.com.br. Além disso, estou fazendo toda a

minha discografia em pen drive, são 23 LPs em MP3, 638 músicas 90% autorais. Para adquirir meu pen drive, favor entrar em contato com João Paulo: (067) 99989-3123.

## 11. JZ: Qual é a sua flor preferida:

**D:** A violeta.

12. JZ: A Sra. é uma grande e

maravilhosa guerreira formada por valores e fortalecida pela fé. Com tudo e por tudo o que passou até aqui, o que a Sra. gostaria de deixar dito para as futuras gerações de músicos deste abençoado Mato Grosso do Sul?

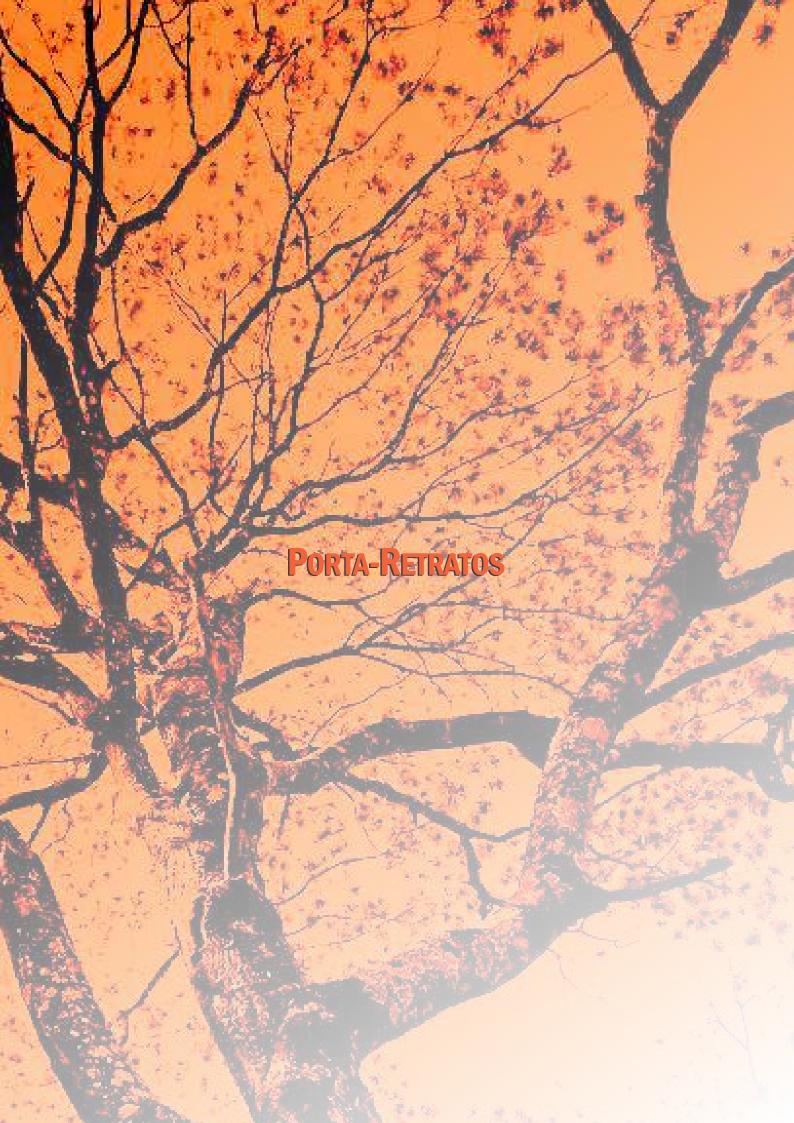
**D:** Nunca desistam de seus sonhos, peçam para Deus e Nossa Senhora abençoarem seus planos, e eles darão certo.

Eis a Delinha, maravilhosa profissional da música sertaneja, mulher forte e mãe exemplar. A Scarlett O'Hara pantaneira que, apesar dos tantos vendavais, conservou-se em pé, porque está fundamentada na rocha da fé em Deus. Dama da música e da alegria, propagadora dos costumes de Mato Grosso do Sul, perseverante guerreira-menina, difusora de perfume de amor: nossa rainha da velha casinha...

"(...)
Velha casinha
Da minha infância
Desde criança ali vivi
(...)

Velha casinha Da minha infância..."

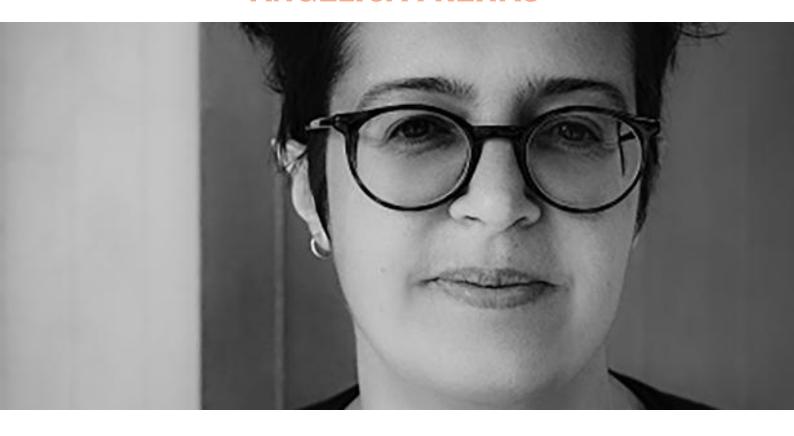






## **ENSAIOS**

## **ANGÉLICA FREITAS**



# **CH-CH-CHANGES:** ONDULAÇÕES POÉTICAS E A FORÇA DO CONTEMPORÂNEO

(Dáfini Lisboa)

A poesia expressa a *liricidade* do ser humano, suas belezas, os sonhos, universos íntimos, nau da alma. Certas vezes, é brincalhona, faz sátira; noutras, conversa da natureza, detalha o cotidiano, conta sobre o nada. É ela também mensageira de períodos de luta, tristezas e reflexos do mundo exterior.

Penso a poesia aqui como uma persona, a resistência para viver neste mundo. Uma amiga que abraça e diz "Estou aqui". Até mesmo nas palavras cruéis, ou então frágeis e melancólicas, está ali uma força que, quando nos alcança, está pronta para nos levar ao despertar e ao devaneio, tudo junto, tudo só, tudo misturado.



Refletindo sobre a poesia de autoria feminina, desde a sensibilidade da poeta Cecília Meireles<sup>1</sup>, o intimismo e a coloquialidade da poesia marginal de Ana Cristina César, até a pujante reflexão existencial e de criação poética na escrita de Raquel Naveira, temos estas e muitas outras vozes marcantes do que é ser mulher, ser poeta e existir no mundo. Nossas flores astrais, mulheres poetas. Um grito de estrelas vem no infinito, pensando aqui com Ney Matogrosso.

No caso da poesia da escritora e tradutora gaúcha Angélica Freitas, a obra "Um útero é do tamanho de um punho" é uma contemplação e um espelho do que é ser mulher no Brasil em tempos atuais, nas mais variadas perspectivas. Uma poesia que fala de assuntos sérios de uma forma provocadora, irônica e com humor, e que será apresentada aqui àqueles que, atentos e fortes, buscam perscrutar as várias faces da poesia no mundo contemporâneo, incluindo as polêmicas e transgressoras.

"Um útero é do tamanho de um punho" foi o segundo livro de Angélica Freitas a ser lançado. O primeiro, "Rilke shake", de 2007, vencedor do Best Translated Book Awards em 2016, nos Estados Unidos, foi alvo de polêmicas ao abordar de forma irônica o cânone literário, notadamente masculino, e os diferentes papéis sociais esperados da mulher e do homem, como se vê a seguir:

[...]
uma criança
olha pra cima
mamãe, mamãe
é a mulher
-aranha?
não seja tola
ela está
limpando
janelas
[...]
(FREITAS, 2007, p. 47)

A criança aprende, já pequena, que ao homem cabe o papel de herói, e à mulher, as tarefas domésticas. Uma visão presente ainda em muitas casas, mesmo no século XXI. Angélica explicou, em uma entrevista à revista *Trip*, sobre essa representação/limitação também presente em "Um útero é do tamanho de um punho":

Penso que a gente aprende desde pequenininha como devemos nos comportar, como ser mulher. Então eu acho que coloquei as mulheres dos poemas em situações que não concordo, que não têm sentido pra mim. Outra forma de ironizar. (FREITAS apud CORTÊZ, 2012).

A primeira edição de seu segundo livro chegou às livrarias em 2012, e a tiragem inicial, de 1.500 exemplares, esgotou-se em menos de seis meses, algo incomum quando se trata de um livro de poesia (HAYASHI, 2015). Foi ainda alvo de deputados de Santa Catarina (ILHÉU, 2019), que tentaram impedir que o livro constasse no repertório obrigatório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por se



<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Anos antes de se debaterem amplamente questões de gênero, Cecília intitulava-se "poeta", nos versos "Eu canto porque o instante existe / e a minha vista está completa. / Não sou alegre nem sou triste: / sou poeta", no poema "Motivo" (MEIRELES, 1982).



tratar, segundo eles, de "ideologia de gênero" – o que, claro, não era constitucional, uma vez que universidades independem da opinião de políticos para tomarem suas decisões pedagógicas quanto aos livros escolhidos para os processos seletivos, de acordo com a Constituição Federal. Mesmo tendo um livro "proibido", as obras da autora foram traduzidas em países como Argentina, Espanha, México, Estados Unidos, Alemanha e França.

Notam-se algumas características marcantes em sua obra, como a técnica de "googlagem"; o humor e a ironia, já citados aqui; as letras minúsculas nos títulos e começos de frase e a ausência de ponto final ao fim de quase todos os poemas; as ambiguidades e metonímias; as trocas brincantes entre palavras em Inglês e Português (o que me inspirou, aliás, para o título deste ensaio e para dançar com Bowie e Ney).

Assim, reafirmando a voz irônica e a crueza das vivências de *ser mulher*, já presente em "*Rilke shake*", Angélica Freitas conquistou leitoras e leitores em diversos cantos do mundo também com sua segunda obra, além de prêmios, como o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

O motivo da escolha da poesia de Angélica Freitas para este ensaio se deu por admirar a escrita dela e pelo fato de, ao pensar na vivência da mulher em Mato Grosso do Sul, vermos muita beleza, inteligência, força, mas também nos depararmos com notícias tenebrosas, todos os dias, da violência que nos persegue. O Mapeamento do Feminicídio de MS vol. II (MATO

umb mulher limpd
aguerda pocientemente
na fine de transplantes de tigodo
séa ocharam doador
edo pode fazar muito esforço
de verdade nentrum esforço
lica no came esperando
sempre limpa e sempre alerto
quando figaram do governo
paris ovicar que encontraram
e que o ligado vem vocando
para habitar son barrigo
ele satra limpa
linipo cemo unha grevita
ptiento para a neva visto
pronto para a neva visto
pronto para a novo tigada

GROSSO DO SUL, 2021) aponta que as ocorrências de feminicídios aumentaram 33,33% em 2020, comparadas com as de 2019, o que demonstra situação alarmante durante a pandemia.

Então, ao ler a obra aqui comentada, sobre a qual ela mesma diz que "Não é um livro ativista, panfletário. É muito mais reflexão" (FREITAS apud CORTÊZ, 2012), uma análise exploratória da vivência feminina, veio a mim a concepção de que este espaço poderia falar do *incômodo*, para ser sutil na escolha de palavras, dessa outra faceta que infelizmente está impregnada em nosso cotidiano. Aos poucos, vemos temáticas relacionadas ganhando espaço mais abertamente em Mato Grosso do Sul, na poesia de Diana Pilatti ou em antologias que vão tomando forma para publicação, sobre a dificuldade de nos deixarem sere viver.

Torna-se, então, ainda mais potente falar aqui de Angélica Freitas, em razão dos absurdos que vivemos nos contextos sociais de preconceito e violência a que estamos expostas cotidianamente. Isso se percebe em toda sua obra, tal como no poema "mulher de vermelho", em que ela aborda a construção social estabelecida entre a mulher, a roupa e a cor que esta escolhe usar, entendendo-se do poema a visão de um homem:

#### mulher de vermelho

o que será que ela quer essa mulher de vermelho alguma coisa ela guer pra ter posto esse vestido não pode ser apenas uma escolha casual podia ser um amarelo verde ou talvez azul mas ela escolheu vermelho ela sabe o que ela quer e ela escolheu vestido e ela é uma mulher então com base nesses fatos eu já posso afirmar que conheço o seu desejo caro watson, elementar: o que ela quer sou euzinho sou euzinho o que ela quer só pode ser euzinho o que mais podia ser (FREITAS, 2017, p. 31)





Refletir a poesia de Angélica Freitas é abrir os olhos para o mundo atual e questões como homossexualidade, pressões estéticas e sociais, corpo e pelos, violência doméstica, aborto, entre outros assuntos expostos por ela com melancolia cômica, de forma coloquial, nem por isso menos sofisticada, escancarando a fragilidade dessas preconcepções contra a mulher. A obra vai, assim, demolindo essas construções ultrapassadas.

O próprio título já nos revela muito do que esperar, sendo também nome de um poema contido na obra. Conforme Ploia e Fronckowiak (s/a), "[...] é uma subversão de gênero: o útero não serve somente para reproduzir, é símbolo de luta também". O livro é dividido em sete partes, sendo elas: "uma mulher limpa"; "mulher de"; "a mulher é uma construção"; "um útero é do tamanho de um punho"; "3 poemas com o auxílio do google"; "argentina"; e "o livro rosa do coração dos trouxas". Em uma delas, a autora utiliza "googlagens" para formar suas poesias. Funciona assim: ao buscar "a mulher vai", surgem resultados no Google e, desta maneira, ela vai compondo as poesias, como ocorre em "a mulher pensa":

[...]
a mulher pensa que deve ser uma "supermãe" perfeita
a mulher pensa primeiro nos outros
a mulher pensa em roupas, crianças, viagens, passeios
a mulher pensa não só na roupa, mas no cabelo, na maquiagem
a mulher pensa no que poderia ter acontecido
a mulher pensa que a culpa foi dela
a mulher pensa em tudo isso
a mulher pensa emocionalmente
(FREITAS, 2017, p. 71)

Este poema reflete a sociedade atual, o que pensa, e é uma maneira criativa e inteligente de abordar a representação da figura feminina no século XXI. Hayashi (2015, p. 92-3) explica esta técnica aplicada pela autora, afirmando que:

[...] reflete o discurso com que nós, brasileiros, nos comunicamos no século XXI. Alguns dos resultados da pesquisa no mecanismo de busca são exemplos do machismo em nossa cultura e sociedade [...].

Tudo isso faz Angélica Freitas ser uma força da natureza, flor astral, estrela brilhante, que nos faz virar em direção ao diferente, a *ser/assumir* o diferente, a abraçar as transformações e reflexões para mulheres *livres* e *vivas*. Sim! Que sigamos nos rumos de um mundo mais sensato.







**Dáfini Lisboa** é revisora de textos e ama escrever. Mestranda em Desenvolvimento Local, pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), na linha de pesquisa "Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial", estuda a literatura de autoria feminina, as trajetórias e contribuições para o desenvolvimento de MS. Formada em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: dafini.lis@gmail.com | Instagram: @dafinilis | LinkedIn:linkedin.com/in/dafini

#### **REFERÊNCIAS**

CORTÊZ, Natacha. *Um útero é do tamanho de um punho - Angélica Freitas escreve sobre mulher, inquietações e angústias usando ironia e poesia* [entrevista]. *In*: Revista TRIP, 2012. Disponível em: Acesso em: 15 jul. 2021.

FREITAS, Angélica. Rilke shake. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

. Um útero é do tamanho de um punho. 1. ed., 4. reimp. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

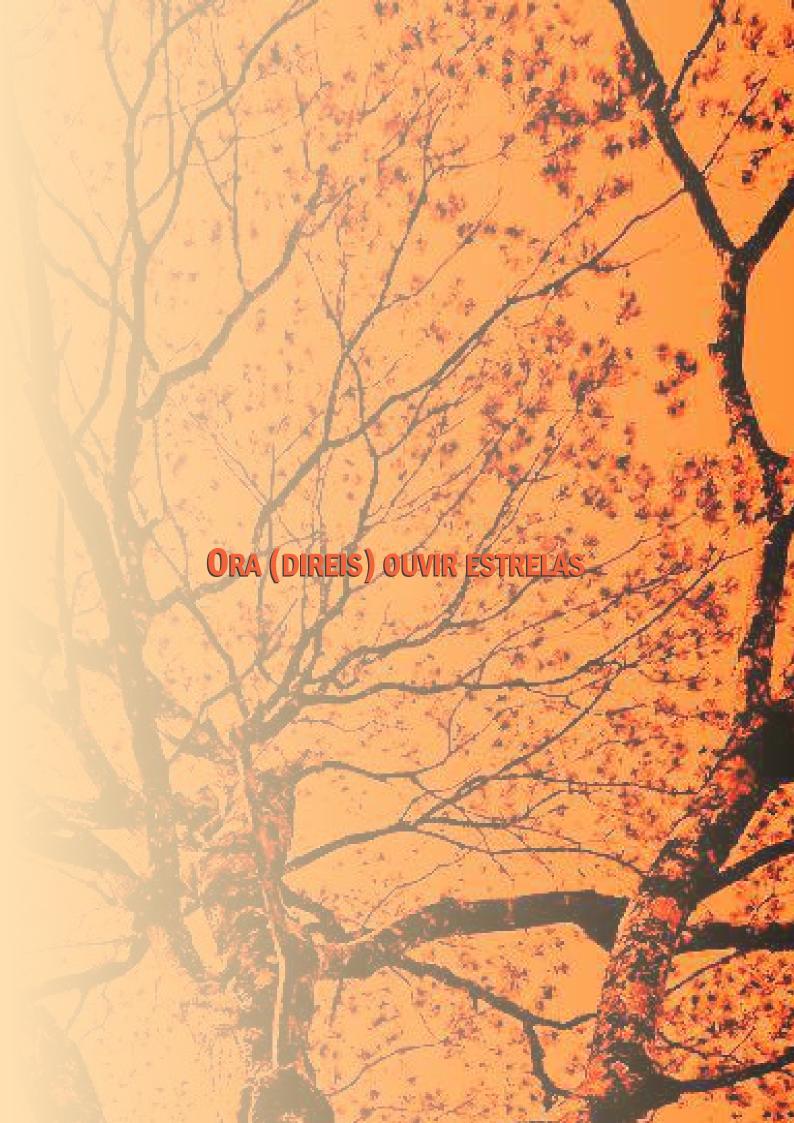
HAYASHI, Gabriel José Innocentini. *Acerca de "3 poemas com o auxílio do Google", de Angélica Freitas. In*: Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras: Baluarte, vol. 7, n. 3, 2015. Disponível em: https://bityli.com/ZYckd Acesso em: 15 jul. 2021.

ILHÉU, Taís. Deputados querem tirar livro feminista da lista da UFSC. Site Guia do Estudante, seção Universidades, publicado em 24 set. 2019. Disponível em: https://bityli.com/tMIKj Acesso em: 24 jul. 2021.

MATO GROSSO DO SUL. Subsecretaria de Políticas Públicas para Mulheres do Estado de Mato Grosso do Sul. *Mapa do Feminicídio Mato Grosso do Sul* 2020. Campo Grande: SPPM/MS, 2021, v. II. Disponível em: https://bityli.com/32nkj Acesso em: 24 jul. 2021.

MEIRELES, Cecília. Motivo. In: Viagem. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

PLOIA, Talita Hoelz; FRONCKOWIAK, Ângela Cogo. *O poema que dá o tom: Angélica Freitas nas canções de As Tubas. In*: Mostra de Extensão, Ciência e Tecnologia da Unisc s/a, Santa Cruz do Sul, RS. Rio Grande do Sul: Edunisc. Disponível em: https://bityli.com/15sqQ Acesso em: 15 jul. 2021.







# \* Angela Cristina Colognesi dos Reis: Formada em Educação Artística Habilitação em Música (UFPA); Professora Especialista em Arte e Cultura Regional pela Faculdade Novoeste; Acadêmica da AFLAMS (Academia Feminina de Letras e Arte do Mato Grosso do Sul cadeira nº 28); Membro da Comissão Sul-MatoGrossense de Folclore, Membro da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares secção Brasil (IOV).

### **TEMPO**

(Angela Colognesi)

Delicada situação em que nos encontramos. O tempo cada vez mais fugaz e veloz. O relógio corre em disparada e nós? Ficamos a perceber que realmente passa, E por muitas vezes não dá pra perceber.

Os anos se tornam dias e o olhar é o mesmo. As crianças não crescem, o amor não diminui, E tentamos compreender sua volatilidade. Que há no passar do tempo, por quê? Não há explicação que supere o percurso.

Tentar definir o tempo é impossível. Não há como amarrá-lo numa classificação. O tempo é soberano e cheio de si. Determina o nascer, o crescer, o morrer. E continuarmos é a única certeza desse tempo.





# **ELUCUBRAÇÕES COTIDIANAS - DOS SENTIMENTOS E DAS FINITUDES**

(Camila Cabral)

A gente sente o que sente. E quando sente, arrepia, estranha, vazio ou demasiado o frio na entranha.

E quando sente, parece o único! É multidão e também se é só. Às vezes, ou sempre, dói. Tal qual despedida, dói. Dói muito, fio de navalha afiado.

Mas às vezes, a gente sente algo sem nome, que é luz e brilha, é gigante ainda que numa flor pequena dessas que crescem à beira da calçada por entre as frestas do cimento.

Sentimento de ver o filho dormir, Abraçar os avós, orgulhar alguém, Ainda que alguns já não estejam.

A gente sente o que sente, E com infinitas possibilidades, Sentir é sinônimo de viver!



#### \* Camila Cabral.

Sul-mato-grossense, Douradense e aprendiz fronteiriça de Ponta Porã/Pedro Juan Caballero – Py. Pedagoga, Mestra em Educação Científica e Matemática/UEMS, doutoranda em Educação pela UFMS. Professora, mulher, mãe, menina, acima e no interior de tudo, poeta. Participações em publicação de Antologias e projetos regionais. Membro da Diretiva brasileira da "Cumbre Mundial de las Artes por la Paz y por la Vida" (Quito); Membro da Academia Sul-Mineira de Letras -AFESMIL, cadeira 34, Membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul – UBE-MS. Gerencia a página no Instagram @poesiageometrica.





\* Fábio do Vale é professor dos segmentos: universitário, prévestibular e colegial. Possui graduação em Letras e Pedagogia, licenciaturas. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação na UFMS. Membro do Núcleo de **Estudos Culturais Comparados** (NECC) - UFMS. Mestre em Letras pela UEMS. Pós-Graduado em: Docência no Ensino Superior, Educação Especial e Neuropsicopedagogia. Coordenador de vinculação institucional do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEC, Poeta, contista e romancista.

## **ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

(Fábio do Vale)

De certo jeito – trompei – com o vento... Imponente, esfregou em meu rosto (in)verdades. Lutei sem guerrear!

De certo jeito – trompei – com o vento... Imponente, levantei-me curioso para enfrentá-lo. Perguntei seu nome e ele me disse: — Cata-vento.

De certo jeito – trompei – com o vento... Parti atrás dele, Galopando em um camalote na missão cata-vento. Então entristeci, a correnteza variava por [ordem dele], insucesso.

De certo jeito – trompei – com o vento...
O mesmo que trouxe Colombo.
Então vi que tudo era fantasia.
João Ricardo compôs para Ney Matogrosso dizer que os ventos do norte não movem moinhos e digo:
nem camalotes.

Na história eu era o seco e o camalote, o molhado. Apeei do camalote desgovernado, então refleti:

O vento de alcunha Cata-vento está desempregado, Assim como Colombo, veio mandado.

De certo jeito – descobri – com o vento: Que na contemporaneidade a regra da arte literária é não ter regra, Como terminar este poema dizendo:

O camalote que montei chamava-se latino-americano, a mãe dele gostava de nome composto.

Enquanto seus amigos desciam rumo à foz do rio Paraguai ele retornava dizendo: resistir é também vencer de certo jeito.



#### **CORPO MASCATE**

(Fábio Gondim)

meu corpo, mercante de estorvos, andejo e distante, dispensa conselhos. perde ao trilhar atalhos as asas atadas com cera.

segue rastilhos de quimeras.

minh'alma andarilha rascunha em meu lastro trilhos de arrependimento. maltrapilha brios e lustro espantalha desvelo e juízo.

adula meu ego acima do peso.

as cicatrizes que carrego na pele e dentro, são marcas de ferro forjado dos amores que abraso. apego e afeto em desalinho.

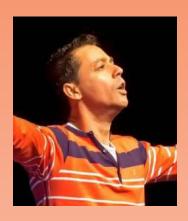
sou extenso mapa de descarinhos.



\* Fábio Gondim nasceu na Vila Carvalho. Lançou Versos para Lamber (Life 2017), Charlenne Shelda (Life 2021).







\* Ismael Machado, poeta, escritor e arte-educador, autor dos livros Sonho e Pó (edições: brasileira/Life, 2013, e portuguesa/Chiado, 2016), Folhas ao Vento (1ª edição/Life, 2015 e 2ª edição/Alfa, no prelo) e Quatro Estações (2018/Alfa). Em 2012 participou do Salão do Livro de Paris, em 2016 foi autor convidado da 24ª Bienal Internacional do Livro de SP e em 2019 recebeu o Troféu Castro Alves de Literatura pelo conjunto da sua obra.

E-mail: machado.ism@gmail.com -Campo Grande – MS.

## OS DE BAIXO, OS DE CIMA

(Ismael Machado)

#### Poema dedicado a Florestan Fernandes

Os de cima gozam, Os de baixo servem, Os de cima mandam, Os de baixo calam, Os de cima imperam, Os de baixo sofrem, Os de cima oprimem, Os de baixo consentem, Os de cima cantam, Os de baixo gemem, Os de cima compram, Os de baixo mendigam, Os de cima vivem, Os de baixo sobrevivem, Os de cima podem, Os de baixo desejam, Os de cima se vangloriam, Os de baixo se humilham, Os de cima se adornam, Os de baixo gostariam.

Os de cima sufocam,
Os de cima negam,
Os de baixo querem lutar,
Não podem se conformar.
Os de cima são burgueses,
Os de baixo operários, oprimidos.
Mas, sobretudo, são seres [humanos],
Iguaizinhos àqueles.





## O CÃO, O POETA E O SONHO

(Janet Zimmermann)

Para Carlos Nejar

Catavam conchinhas.
O cão, correndo, voava.
O homem, louvando, flutuava.
Sorriam à toa...

No olhar do cão, estrelas desabrochadas em jogos de luzes; No olhar do homem, heras estreladas em gozos espirituais.

Cão-humano e homem-profeta em parceria descomunal. Humanidade e mundividência. Cumplicidade e benquerença num só ideal

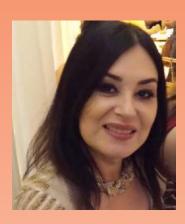
o de estampar nos olhos sem vida dos exilados sem fé, flores divinais, e de lhes mostrar o real valor da irmandade.

O cão alado, estrelado, e o poeta elevado, florido, convidam-me ao mesmo luminoso destino

mas,

inda tenho que pagar uma promessa de amor

e encontrar, no meu próprio olhar, um cão constelado.



\* Natural de Catuípe/RS e residente em Campo Grande/MS, Janet Zimmermann publicou três livros de poesia: "asas de jiz" (Life Editora/MS); "Pétalas Secretas" (Editora Patuá/SP) vencedor do Prêmio Guavira de Literatura/Poesia/2017; e "três / poetas / uma / via / : / aldravia" (Life Editora), em parceria com os poetas Paulo Robson de Souza e Sylvia Cesco. Participou de oito Antologias. É editora do blog "Polyantho Literatura" e colaboradora da Revista Literária "Pixé". Associada da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul, é Editora Assistente deste periódico.





\* Mara Calvis - Campograndense, poetisa e escritora. Lançou 22 livros paradidáticos infantojuvenis. Poesias e contos poéticos em 15 coletâneas. É licenciada em Geografia, Tecnóloga em Marketing, especialista em Docência em Educação Ambiental para Cidadania e Sustentabilidade e Mestra em Educação Profissional. É membro da União Brasileira de Escritores/MS desde 2011, da Academia Feminina de Letras e Artes de Mato Grosso do Sul, titular da cadeira 35, e da Academia Luso-brasileira de Artes e Poesias, cadeira 84, tendo como patrono Monteiro Lobato. Há 8 anos atua como consultora e educadora ambiental da Solurb, em Campo Grande, MS. www.maracalvis.com.br

## NÓ (S) (Mara Calvis)

Aperte bem o nó...
Da gravata
Do laço
Da corda
Para não soltar, pois...
Do contrário perde sua função

O (s) Nó (s) Impostos por nós Travam a convivência Impossibilita a harmonia Divide e atrai conflitos Bloqueiam a paz.

Livre-se
De qualquer nó!
Corte-o se necessário
Use a tesoura da solidariedade
A faca da fraternidade
Encontre sua serenidade.

Desfaça o nó invisível Que colocou Em seu pescoço Mentalize boas ações Faça mais Fale menos Transmita paz.

Foque em seus sonhos Planeje e se organize Muitas vezes... Os insucessos São nó (s) colocados Apenas por nós.

Desate cada nó Vibre e emane paz Leve e seja a paz Encontre a paz dentro de si Respeitando o próximo A Paz virá!



## **VITÓRIA GENIAL DO SIM**

(Maria Gorete de Moura)

Quero dormir e sonhar com os canteiros molhados de relva, com o dia a esmagar impurezas, com o relógio estampado na praça e o sono acordando as certezas.

Quero sorrir e entoar a canção romântica da lua, sentir da brisa o perfume e adentrar nos castelos sem ruas.

Quero ser palhaço das minhas próprias acrobacias, dissipar o sentido delirante do álcool, do sangue, das forjadas alegrias.

Quero beijar as faces da ternura, sem dó de mim, navegar na divagação do todo harmonioso, na vitória genial do sim.



\* Maria Gorete de Moura nasceu em Patu/RN, porém reside em Campo Grande/MS desde 1989. Formada em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco. Venceu concursos musicais e literários (níveis municipal, estadual e nacional). Autora de 11 livros, sendo seu último: "Rede de Orvalho".







#### \* Maria Marta Nardi de Godoy nasceu em Marília (SP) e reside em Campo Grande (MS). Cursou Letras na PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas) e na UNIMAR (Universidade de Marília). Publicou poemas no "Livro da Tribo", "Zunái", "Germina", "The São Paulo Times", "Literalivre" e "Ser Mulher Arte". Participou das Antologias: "Ruínas", Editora Patuá; "Tanto céu sem mar" e "A noite por dentro da ostra", por Cláudio Daniel, Editora Lumme. Publicou a plaquete de haicais "Sobre o caule de água", Editora Leonella, em 2019. Participou do flipbook "80 balas, 80 poemas", pela Revista Zunái, em 2020, por Cláudio Daniel. O livro pode ser acessado em: revistazunai.org

Instagram: @maria \_marta\_nardi

## **NA PELE DA MANHÃ**

(Maria Marta Nardi)

a noite exala seu hálito de lírios deitada sobre o linho todos os sentidos me despem

lateja em flashes o nervo exposto palimpsesto de esperas

um furor negro me atravessa todas as vísceras me movem a noite é um grito de êxtase e distâncias

iridescência de todas as febres dissolvidas na pele da manhã



## **DESCANÇÃO DO EXÍLIO**

(Raquel Medina)

vi um corpo agonizando sob toga colarinho boca aberta voz torta olho mascarado ouvido cego e passo na órbita da devastação.

vi um corpo de gente e passarinho desesperados famintos mãos vazias pão roubado esperança asfixiada e nós no pulso e mão.

vi um corpo surrado sussurrando só socorro sobre o próprio corpo, palimpsesto de dor e sede e fome e alienação.

vi um corpo parco preso poro de sonhos obstruído de penumbra no coração.

vi um corpo, de justiça parca era o corpo do meu país exilado no próprio chão.



\* Raquel Medina Dias é natural de Miranda/MS, atualmente reside em Campo Grande/MS. Mestre em Letras pela UFMS. É poeta e professora. Possui textos publicados em antologias, revistas eletrônicas e jornais impressos e eletrônicos. É membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul e Editora Assistente da Revista Piúna.





\* Sylvia Cesco é de Campo Grande/MS. Formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia, com especialização em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade de Taubaté/SP, e pós-graduada em Educação e Supervisão Escolar pela USP/SP. Publicou: "Guavira Virou", "Mulher do Mato", "Sinhá Rendeira" e "três / poetas / uma / via / : / aldravia" (Poesias); "Ave Marias Cheias de Raça" (Contos); e "Histórias de Dona Menina" (Literatura infantojuvenil). Organizou "A Glória Desta Morena", antologia de contos e crônicas de autores de MS. Possui publicações em várias antologias poéticas. Ganhadora de prêmios em concursos literários. É colunista do Jornal "O Estado de MS", Editora Geral da Revista Piúna e Presidente da UBE-MS.

## SINHÁ RENDEIRA

(Sylvia Cesco)

Me rendilho de rodilhos, entre rendas das rimas raras.

Me arrepio de rodopio em rodopio, refeita a cara.

Me rendo na rede-redemoinho à rosa refletida.

Me revelo rascunho repousado em rama retorcida.

Me rio dos rubros rumores resvalando em relvas.

Me repouso e em rápidas renúncias rascunho redomas.



#### POEMINHA EXISTENCIALISTA

(Walesca Cassundé)

(Inspirado na obra de Eduardo Mahon)

que sonhos eu tinha na juventude? quantos projetos abandonei? quantas renúncias me permiti ao longo dos anos? quantas de mim foram deixadas em zonas limítrofes, dos caminhos atalhados que optei por percorrer? a que sina me levaria aquela senda? quantas verdades calei apenas para ser gentil? quantas vezes elogiei acalentando interesses vis? quantos gritos lancinantes de dor ouvi que poderia ter evitado - ao menos tentado, com uma dose de placebo? quanto sofrimento desenhado nas entrelinhas das palavras de alguém eu ignorei por egoísmo, comodidade ou impotência? que imagens ignotas trágicas, benfazejas, censuráveis ou não, terão os espelhos guardado para apresentar-me à minha essência, no dia do juízo final?



\* Walesca de Araújo Cassundé é criminalista por vocação e humanista por excelência – faz poesia como uma espécie de catarse, para libertação física e purgação espiritual. Confissões Essenciais, poemas, Centro Gráfico Ruy Barbosa, 2016, é seu único livro autoral. É colaboradora assídua da Revista Pixé, publicada em Cuiabá/MT. Participou de diversas antologias. Seu poema A Noiva Morena do Cerrado foi classificado em terceiro lugar na 31ª Noite Nacional da Poesia, em 2019. É membro da União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul.



## **ALDRAVIAS**



\* lolete Moreira nasceu em Amambai-MS, em 23/09. É professora formada em Letras e pós-graduada em Teoria Literária. Foi Presidente da UBE/MS por duas gestões; Diretora Cultural da ACP de Campo Grande/MS; Chefe de Divisão de Literatura da FUNDAC, CG/MS; e Gerente de Patrimônio Histórico e Cultural da FCMS. Atuou na Comissão Organizadora do projeto Palavras de Luz do Santuário Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – CG/MS. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico/MS, da Academia de Letras de Amambai (ACAL-MS) e da UBE/MS. É autora dos livros: "Trajetória da Jornada Poética"; "Recortes do Cotidiano em verso e prosa" e "Conversa com Aldravias". Tem participação em antologias como: "Reinvenções", "Revista da UBE/MS" e "Coletânea Palavras de Luz".

## **COM A PALAVRA, ALDRAVIA**

(Iolete Moreira)

1 Adélia Prado poder humanizador canta beleza poesia

2 Che Tiempo Guaré aguça memória resgata beleza histórica

3 calor terra molhada esquenta abraça natureza

4 não vacile tragédia nas alturas vacine!

5 chorosa tarde planeta silencia pandemia alastra



6 memória encanta relembra feitos ultrapassa fronteiras

7 cores floridas acenam a\gosto agosto chegou

8 Vanusa re\vive en\canta manhãs de setembro

9 vibrantes velozes vozes Vanusa versátil vid'acalma

10 covid comove desencanta vidas planeta chora





## **POETRIX**



\* Diana Pilatti é professora e poeta. Nasceu em Foz do Iguaçu/PR e reside em Campo Grande/MS desde os três anos de idade. Formada em Letras pela UCDB e Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS.
Coorganizadora da Mostra Poetrix (2020/2021) e autora dos livros Palavras Avulsas (2019), Palavras Póstumas (2020) e Palavras Diáfanas (2021). Divulga poesia em seu blog pessoal dianapilatti.blogspot.com e nas redes sociais @dianapilatti

## O MITO DA CRIAÇÃO

(Diana Pilatti)

#### No princípio era o Caos

Então pari uma palavra insuportável impronunciável num verso de Solidão

#### Primeiro dia

Dos meus abismos fez-se vertigem e treva sobre o Nada a Poesia caminha

#### Segundo dia

Do meu Delta Sagrado veio e visgo e te inicio líquido euclásio

#### Terceiro dia

Sopro cântico alado e do meu pelo relva viva enleio

#### Quarto dia

Farta de Solidão te fiz Estrelas e me fiz Lua na antecâmara da noite

#### **Ouinto dia**

Do meu flanco fiz feras minhas filhas voracidade viva centelha minha



#### Sexto dia

Dos meus ciclos minha imagem e semelhança Lilith – fagulha e caos

#### Sétimo dia

No côncavo da tua axila o encaixe lasso e meus dedos finos no teu peito...

**Poetrix** é uma forma poética criada pelo baiano Goulart Gomes, no final de 1990. De temática livre, o Poetrix é um terceto com forma fixa: até 30 sílabas poéticas e título.

Este conjunto de Poetrix faz parte do novo livro de Diana Pilatti, **Palavras Diáfanas**, publicado pela Editora Patuá (2021). São um exercício poético, uma releitura do Mito da Criação (Cristã), respondendo à pergunta "Se eu fosse uma Deusa, como criaria o mundo?"







## O TEMPO, O VENTO E O TEMPORAL

(André Alvez)

enho uma relação antiga com o Vento, dele conheço até mesmo o rosto: é um jovem sorridente, da cor transparente, dos cabelos lisos jogados dos lados e ligeiro feito a vida.

Ah, o sorriso do Vento é uma imagem perene no meu fechar de olhos.

Conheço também seu inseparável companheiro, o Tempo: um velho banguela, feio e cruel.

Às vezes o Vento traz consigo a eterna namorada, uma moça linda chamada Brisa e dela desprende todo o encanto de antigas lembranças.

Então o vento me leva ao passado...

Na pequena casa de madeira, tínhamos a nossa televisão bem no centro da sala, majestosamente equilibrada por cima de uma mesinha. Às vezes dava choques ao apertar algum botão, e, quando a imagem ficava ruim, tio José colocava bombril nas pontas da antena e tudo voltava a funcionar perfeitamente.

Nos rastros dos tanques sulcando a terra, os pingos grossos de chuva no começo da tarde daquele dia anunciavam o temporal que não tardou desabar.

Minha avó correu a tapar os espelhos da casa com lençol e a profetizar que seria ligeiro: "chuva de verão, passa logo" – garantiu, num riso de certeza – e danou a desvendar um segredo da natureza: — Não tenha medo do barulho do trovão, enquanto você tapa os ouvidos e treme de medo, o perigo já passou, o que mata é a luz do raio, não o barulho do trovão.

Mas outubro ainda não era verão e o temporal durou mais de horas. Mesmo com o fim da chuva, o céu prosseguiu riscado de raios.

Exatamente quando os ponteiros do relógio se abriram como se fossem duas pernas, a luz acabou. Minha avó colocou as duas mãos em volta da cabeca:

#### — E agora, meu Deus?

Era dia do último capítulo da novela, quando finalmente seria revelado o assassino da megera e a mocinha finalmente resolveria se entregaria os lábios ao galã ou não. Todos sentimos o desespero, andando de um lado para o outro na escuridão, tensos, segurando pires de velas nas mãos. A luz só voltou de madrugada, quando todos dormíamos.

Nos primeiros minutos da manhã seguinte, debruçada na janela, minha avó percebeu ao longe a chegada da irmã Adelaide; os olhos brilhantes, a testa acesa, o rosto quase sem conseguir segurar os olhos. Vinha ligeira, como quem traz notícias boas e ruins.

#### Desesperou-se:

— Ela vai me contar o final da novela.



Tio José abriu um sorriso:

— Eisso não é bom?

Vó Aurora balançou a cabeça:

— Não, eu não quero ouvir dela.

Antes de alguma pergunta, tratou de esclarecer:

— Ela não sabe contar estórias, vai logo para o final, dispensa detalhes e eu gosto mais dos detalhes do que qualquer outra coisa.

Coçou a cabeça branca, estalou os dedos, olhou para mim:

- Você precisa ir logo para o colégio, ouvir dos seus colegas e depois me contar.
  - Mas por quê?
  - Você sabe contar os detalhes.

E antes que a irmã batesse na porta, fingiu mal--estar, uma dor terrível na cabeça, fechou a porta do quarto e a mandou voltar no dia seguinte.

— Uh, uh, como sofro! – Gemia a avó, a voz saindo espigada, a cabeça enterrada no travesseiro.

Tia Adelaide suspirou, quase conformada.

— Mas eu queria tanto saber o fim da novela. Acabou a luz lá em casa na hora e....

Vó Aurora arregalou os olhos, levantou-se de supetão, jogou os cabelos nas costas, abriu a porta do quarto e abraçou a irmã.

- Almoce aqui e apontou para mim com a testa – ele vai à escola e quando retornar nos contará como foi o final da novela.
  - Mas a sua dor de cabeça?
- Ainda dói um pouquinho, mas logo passa de vez.

E foram coar o café.

Na escola ninguém sabia o final da novela, o corte da energia elétrica atingiu o bairro todo.

Ao voltar, abraçado pela angústia de não desa-

pontar minha avó, encontrei todos ansiosos, inclusive o tio Gutemberg, que quase nunca nos visitava, mas imaginando que a eletricidade não tinha acabado pelas nossas bandas, também ansiava por saber o final da novela.

E tantos foram os brilhos de olhos na minha direção, me senti como se eu fosse a própria televisão.

Deve ter sido esse o momento que o teatro entrou em mim: todos sentados à minha frente, os olhos arregalados, ouvidos atentos a cada palavra, acompanhando atentamente os meus gestos: eu mentia, sem admitir nem mesmo para mim que mentia, inventava imagens, compunha falas como se estivesse escrevendo versos sem rimas.

- E então, e então? perguntavam numa só voz e a voz já não era minha, era a de um homem malvado, uma donzela indecisa, um herói montado a cavalo: e seguia para desvendar o assassino, quando tia Adelaide se intrometeu no caminho:
- Aquela moça adoentada conseguiu andar? Logo ela, que não sabia contar os detalhes, queria saber as curvas da estória.
  - Sim, sim, ela andou, acabou feliz.
- Eu sabia, eu sabia! Disse a minha avó, num sorriso triunfal.

E o assassino, antes imaginado, falhou por instantes na minha mente. Tentei ganhar tempo:

- Sobrou bolo?
- Ora rapaz, depois você come, precisamos saber quem é o assassino!

Tio Gutemberg muitas vezes era irritante. Fiquei sem resposta imediata, resolvi ouvir antes de falar:

— O que vocês acham? Apostas, vamos, digam.

E a delícia ao perceber a ficção se tornando real aos olhos dos meus parentes:





- Com certeza foi o advogado. Disse tio José. Minha avó fez cara séria, uma descompostura balançando a cabeça negativamente:
- O doutor Cândido? Imagina! Ele é uma boa pessoa, jamais seria capaz...
- Quem foi então? Tio Gutemberg formou na testa diversas rugas.

Ameacei responder, mas tia Adelaide foi mais rápida:

— Catarina, aquela sonsa, desconfio dela desde sempre.

Novas rugas na testa do tio Gutemberg, a mão peluda tremulando num toque nervoso de dedos por cima da mesa:

- Não, uma mulher puxar o gatilho? Não creio
   assegurou e depois me olhou, severo:
- Vamos, menino, diga logo o nome do assassino!

E veio o estalo, como uma caneta de tinta fresca percorrendo um papel incrivelmente branco, a descrição do ato do meu assassino preferido, que só podia ser o filho rejeitado da morta. Não consegui falar, súbito surgiu na televisão o rosto pálido do repórter:

- Informamos que, por causa do temporal da noite anterior, o qual ocasionou o corte da eletricidade por toda a cidade, repetiremos hoje, no mesmo horário, o final da novela....
- Poxa, quem diria? Foi na cidade toda, mesmo. Suspirou aliviado o tio José.

— Não conte quem é o assassino! – Disse a minha avó, o olhar fulminante, o dedo magro perto da minha testa.

Tio Gutemberg me olhou com desprezo, tia Adelaide passou as mãos nos meus cabelos, "meu rico filho", disse e beijou-me a testa.

Foram embora em seguida e o dia custou a passar. À noite, em volta da televisão, assistimos ao final da novela.

Um suspiro de alívio me tomou, acertei quase tudo, cheguei a comemorar quando a moça doente se levantou da cama e beijou o antigo namorado

A cena final, inesquecível, Virgínia beijou o Afonso e fim.

Mas e o assassino?

Tia Adelaide estava certa desde o começo da novela, Catarina, a sonsa, era a assassina e eu nem desconfiei.

Ao longe, raios, trovões...

O Tempo voa nas asas do amigo Vento, espalha pelo ar o cheiro de nova tempestade, mas a Brisa chega antes e abraça o meu rosto...

E nos primeiros pingos da chuva, converso com os fantasmas da minha avó e seus dois irmãos: ouçam a estória que lhes conto, todo escritor é um mentiroso, mas creiam, apesar do Tempo, vocês ainda existem no sopro do Vento.

No final confesso meu eterno medo da tempestade e eles desconfiam, respondem ao mesmo tempo: "deve ser noite de céu estrelado lá fora..."



#### \* André Alvez.

codinome de André Luiz Pereira Alves, é formado em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela UNISA-SP. Autor dos romances "No Pantanal não existe pinguim", "O Santo de Cicatriz", "Crônicas da Cidade", "A Bruxa da Sapolândia" e recentemente, "O Olho Esquerdo", contos. Foi presidente da UBE-MS.



#### **ZOE**

(Douglas Calvis Crelis)

Ao acordar de um sono leve e tranquilo, em seu quarto, apenas lembranças de viagens de sua família, uma poltrona de leitura onde Zoe dormia, e sua cama com um colchão surrado que ganhara ao completar 8 anos, uma escrivaninha no pé da cama que formara seu altar.

I

Zoe abriu sua boca e exclamou.

– Eu quero comida! Era seu gato mais uma vez, tagarelando ao acordar.

Já não era mais estranho para ele, Zoe, seu gato, era associado a figuras dos deuses do Antigo Egito, permeados por uma sensibilidade mística e espiritualidade própria.

Estranho ele não perceber que dialogava com seu gato.

 $\parallel$ 

Na noite passada Arthur, tutor de Zoe, saía de uma casa de show underground, um clube de dia e pela noite era regado a um clima sombrio, vinho barato, pessoas de sempre, som de doer os ouvidos, um grupo de trabalhadores que gostavam de um som mais pesado, o som era Black Metal.

Black metal, uma vertente extrema do heavy metal, surgida nos anos 80, mergulhando fundo ao lado mais sombrio da alma humana. Adeptos se pintavam com corpse paint seus rostos – uma pintura facial em preto e branco – seu colete com patchs de bandas, cinto de balas, braceletes de espinhos, coturno e expressões de guerra e/ou vazias.

Eram um círculo que comungava da mesma filosofia de vida, anticristo.

Arthur buscava refúgio no que considerava ser diferente. Exemplo, foi em sua época de faculdade, onde, para ser aceito, precisava fazer parte de um grupo de alunos que se denominavam Doutrinadores. Festas regadas a bebidas, sexo e drogas. Com muita sorte conseguia uma mulher, ou um homem, para passar a noite.

Pecados e mais pecados eram cometidos. Percebia que, afrontando Deus, ele estaria mais se sentindo vivo, buscava verdades aqui neste plano físico. Deixava todos os ensinamentos que lhe foram dados quando criança, adormecidos no mais profundo calabouço de sua alma.

IV

Percebeu quando quis formar uma família, todos esses sentimentos vazios, de falsas verdades, gatos falantes, e misticismo barato, não passavam apenas de obstáculos colados para testar seu poder de escolha.

Hoje, solitário em seu quarto, como companhia, Zoe. Espera o momento certo para sair do encarceramento mental que existe em sua vida. Ele acredita fielmente que está certo. Pobre Arthur.

#### \* Douglas Calvis Crelis,

pós-graduado em Direito do Trabalho, Processual do
Trabalho e Previdenciário, formado em Ciências
Econômicas, acadêmico de Direito. Pesquisador do
primeiro Laboratório de Ciências Criminais de Campo
Grande/MS do IBCCRIM. Crônica premiada no "Prêmio
Capivara e Difusão Literária". Associado da União
Brasileira de Escritores/MS, e membro da Associação
Internacional dos Poetas. Artigos publicados no
"International Center for Criminal Studies" ICCS. Coautor do livro "Alfabeto Ecológico do Pantanal". Site:
douglascalvis.com.br

Ш



Do Analista do Córrego do Cavalo

### **CONFISSÕES DE UM PERNA DE PAU**

(Inivaldo Gisoato)



ou conhecido pelo apelido de Tino - dispenso piadinhas, meu Tino não é diminutivo de cretino, como alguns amigos engraçadinhos teimam em zoar. Bem, estabelecida a seriedade da minha confissão, declaro que sempre tive consciência de que nunca fui bom de bola, só não sabia o quanto era ruim. O esclarecimento da dúvida veio quando meu pai foi à cidade grande e comprou para mim um par de chuteiras, meiões, um calção e, o mais importante, uma bola oficial novinha. Quando ele chegou e me entregou as roupas, foi muito legal, mas, quando foi ao carro e de lá tirou a bola, meus olhos brilharam, foi uma alegria imensa, indescritível, fiquei boquiaberto, era bonita demais! Nunca fui de abraços e carinhos com o meu velho, mas naquele dia não resisti, dei-lhe um abraço bem apertado, ele ficou surpreso, mas se fez de durão, cara de quem não gosta muito dessas intimidades.

De posse da minha "preecioooosa" (como diria o Sméagol do Senhor dos Anéis), ansiosamente esperei o entardecer para ir até o campinho do bairro. Mal podia esperar para ver a cara dos amigos quando me vissem de chuteira e uniforme novos, tinha certeza de que seria um sucesso, até porque a maioria jogava descalço e com vestimentas bem surradas, mas eles iriam pirar mesmo quando vissem a bola.

Esperei para chegar ao campinho quando a maioria já estava lá. Como imaginara, o pessoal ficou encantado com meus trajes, mas a bola foi a atração principal, todos queriam segurá-la, dar balõezinhos, mas eu a segurava forte embaixo do braço e pedia:

— Não vamos sujá-la antes de começar o jogo, vamos estreá-la novinha!

Chegou a hora que eu mais esperava, o momento de escolher os oito jogadores de cada time (no nosso campinho eram sete na linha e um no gol), como sempre, os dois garotos considerados os melhores do pedaço foram encarregados de escolher os times - era feito assim para não ficar os dois melhores no mesmo time, caso contrário, enfraguecia e desanimava o time adversário. De um lado estava o Chinelão, do outro, o Picolé (apelido recebido por apostar picolés nas disputas de pênaltis, que ele normalmente ganhava). Esse momento era muito importante, pois, costumeiramente, eu era o último ou um dos últimos a ser escolhido e, para piorar, ficava de fora quando tinha jogadores a mais, acabava jogando muito pouco. Finalmente chegara o meu dia, era "o dono da bola". Começou a escolha, eu fiz questão de ficar destacado dos demais garotos e com a bola debaixo do braço – inclusive, ela mal cabia ali. Estava me achando quase um Cristiano Ronaldo: eu estou agui. Conclusão, fui o guarto a ser escolhido, pensei: - está dando certo, hoje eu brilho!

Estava muito orgulhoso de mim. Peito estufado, moral alta, vagarosamente caminhei até o meio do campo, em seguida coloquei a bola no chão, num local que imaginava ser o meio de campo - até porque não havia marcações. Pronto, bola novinha no centro do gramado, digo, quase gramado, explico -



grama mesmo, era só alguns pedaços, a maior parte era terra dura mesmo – mas vamos ao que interessa, bola reluzindo no meio do campo, eu fazendo alongamentos, estava cheio de marra. Foi quando o Chinelão alertou:

— O time de vocês tem um jogador a mais.

Picolé, o craque e escolhedor do nosso time, olhou para todos os jogadores do nosso time e deliberou:

- Tino, espera lá fora, você entra daqui a pouco! - Aquilo foi um choque para mim, precisava tomar medidas drásticas, tinha que dar a "carteirada", digo, boleirada, do tipo – vocês sabem com quem estão falando! – e disse:
  - Não vou sair, eu tenho que começar jogando.
- Por que você tem que começar jogando? perguntou Picolé, parecendo irritado.
- Oras, eu sou o dono da bola, se eu não jogar, levo ela embora e ninguém joga! – Falei com peito estufado e cheio de autoridade.

Os jogadores dois times se entreolharam, como se perguntassem – e agora? – Nesse instante, o

Picolé pegou a bola do meio do campo, chegou perto de mim e empurrou-a contra o meu peito e disse:

— Pega essa bola e... (prefiro não dizer onde ele mandou eu colocar a bola) e some daqui moleque.

Eu imaginei que alguém iria me defender, não porque gostasse do meu futebol, mas por interesse em jogar com a bola nova, mas ninguém falou nada. Inclusive, o Fininho (amigo de escola - traíra) correu, pegou uma bola velha, soltando gomos, que estava atrás do gol e a colocou no meio de campo. Muito triste e decepcionado, vi o jogo começar.

Lembram da dúvida que eu tinha o quanto era ruim de bola? Naquele dia descobri que eu era da categoria "perna de pau", nem sendo o dono da bola melhorava meu futebol.

Bem, como toda boa história termina em reviravoltas positivas: eu cresci, tornei-me professor de Educação Física, agora me escalo nos times com alunos e, nos fins de semana, pago para jogar nas "peladas" com amigos e tudo bem.



#### \* Inivaldo Gisoato -

Nascido em Santa Albertina/SP, reside em Campo Grande/MS, há mais de trinta anos. Formado em Adminstração de Empresas e Letras. Pós-graduado em Psicopedagogia. Professor da rede estadual; Coordenador de escolas particulares; Diretor Escolar por 29 anos nas Escolas Estaduais Pe. José Scampini e Adventor Divino de Almeida; Presidente do CONDEC – Conselho dos Diretores das Escolas do Estado - por 03 mandatos.



### **CANTOS DE KIKYÔ**

(Jaminho)

(Inspirado na canção imortal de Geraldo Espíndola)



oenohodi desceu do firmamento até a lua, e dela, voou até o chão. Ali entre os grandes mares de morros e planuras. Do lado Oeste, a grande montanha de pedra Cerro Verá; do leste, os campos de Nhu Caárovi.

Goenohodi estava desejando a cunhataí formosa e maturando polpa e pétalas para a vida do prazer, filha dos Aruaques roceiros e caçadores. O nome dela é Potyvva. Conquistou-a com cantos celestiais, bebidas fortes e histórias de outros mundos e distintos e eternos, infinitos, romances.

Mal saiu de dentro da fêmea saciada, viu escorrer o sêmen e dele germinar, luminoso, visguento, cor de tabaco com olhos negros e cabelos luzidios... Era Kikyô.

Goenohodi foi embora para a lua e de lá viu o filho crescer. Quando aprendeu a caminhar, era ligeiro e ágil. Guerreiro desde o ventre, desde a cuna, de la semilla. Mas ali pelo ano e meio de idade, dos tempos terrenais, Kikyô se pôs a falar outra língua, um idioma dele e todo próprio. Fazia rituais de oferendas e repasto com caças proibidas pelo manual de Goenohodi. Inventou Kikiô um inédito e renovado panteão de deuses, que apregoava para toda a gente terrena, como os guias espirituais: Koarahi, Jacy e Nhande Jara... Até aí, Goenohodi suportou. Todavia, quando Kikyô se pôs a realizar beberagens e danças, cantorias grupais, homenageando uma invenção das ideias, dos pensamentos dele, Kikyô, e nomeou a divindade como Nhanderu - Nosso pai -, foi aí que Goenohodi desgostou do filho amado e o condenou a ficar na terra como reles e simples Avá.

Como Kikyô já havia se casado e tido filhos, Tupi e Guarani, meliços, idênticos e muito semelhantes... Um começava a frase, outro a terminava. Falavam juntos, com voz e pensamentos unívocos. Eram de beleza e disposição admiráveis para caçar, para pescar, para festar... Goenohodi enciumado e sentindo-se traído apareceu em sonhos para Kikyô e decretou sua vingança: para viver, teria de sacrificar um dos filhos... Ou os dois.

Entretanto, Kikiô foi quem se pôs na fogueira erigida e já com labaredas altas crepitando, lambendo a pira de pedras e gravetos secos, de galhos com folhagem verdes, de cestos de flores variegadas, ali dispostas pelas fêmeas da tribo. Sacrificou a si próprio e morreu no lugar dos filhos, e Goenohodi nada pôde fazer senão se recolher aos céus e calar... céus e calar... tudo para não mais trazer luz e pensamentos, conhecimentos para a saga de seus ciúmes e dores; invejosa sina da grandeza, da liberdade e da fecundidade de seu filho com Potyvva.

Foi então que Guarani e Tupi passaram a sofrer perseguição dos bugres da tribo, incomodados com a semelhança de ambos, com a beleza e, mais ainda, com os favores afetivos e sensuais dedicados pelas mulheres das tribos.

Tupi foi para o Norte; Guarani, para o Sul, habitaram novas terras, novos mundos, construindo novas famílias e comunidades.

Transcorreram então cerca de mil giros do mar de estrelas suspenso.

Outros deuses pareceram vir de mundos distantes, montados em terríveis animais. Navegando em Peixes de madeira que flutuavam nos paranás.

Destes, desceram avás de saias negras, compridas... Falando em língua estranha, com instrumentos de metal e madeira estranhos, folhas de objetos esquisitos, no qual afirmavam estar à verdade dos tempos.



Multidões dos descendentes de Kikyô morreram, estirados pelo chão, clamando água e forças, com o corpo tomado de feridas vermelhas, purulentas.

Os sadios sobreviventes se dividiram em inúmeros grupos, escondidos, apavorados com os espíritos maus que traziam os barbudos, cabelo cor de milho ou da noite. Alguns se juntaram aos avarés, outros se recolhiam e escondiam nos ocos das matas, das montanhas, na lonjura das vastidões de terra.

Então, grupos de homens barbudos vestidos com armaduras de couro, passaram a atacar as aldeias dos herdeiros de Kikyô, tanto aquelas feitas pelos libertos, amoitados nos matos, vivendo segundo as tradições do semideus; quanto aquelas que se juntaram aos avarés e se adaptavam aos novos ditames, aos novos instrumentos e lidas cotidianas. Cantos, rezas e ritual. Machado, foice, fação e enxó.

Muitos – creio que milhares deles – foram aprisionados para cortar matas, atear fogo, semear plantas que depois colheriam para alimento de seus senhores. Cuidar e apascentar os animais estranhos que os karaís trouxeram pra cá lá do outro lado do grande Y.

Então os avarés baixaram o decreto de que não estava proibido matar karaís vestidos de couro, pois estes eram anhangás que vinham trazer morte, dor e sofrimento. Se juntaram e fizeram grande guerra, tremenda e ensudercedora guerra, de tiros, fogo, gritos, tacapes, flechas e lanças... Os karaís deixaram o chão vermelho de sangue, as águas turvas de sangue, o céu escurecido pelo voo dos urubus e outras aves carniceiras. O ar... quase irrespirável pelo fedor de seus espíritos maus que fugiam de seus corpos decrépitos e contaminavam o local e arredores de onde tinham acontecido as batalhas. A morte trouxe a paz.

Foi assim no Tape. Também no Guairá, no Iguatemi. No Itatim, os que sobraram se mudaram para o Ypané. Uns poucos ficaram à sombra dos Guaikurus. Multidões foram arrastadas pelas bandeiras de André Fernandes, de Raposo Tavares, do Manoel Preto.

Cumpriram-se um pouco mais de cem ciclos de jacy dançados em volta do koarahy.

Guaranis e Tupis restaram sem seus guias, os avarés de negras saias compridas, de grossos livros de capa também negras, grandes rezadores. Construtores de casas de pedra e tijolos para Tupansy, Nhande Jara e Nhande Ru. Com uma torre alta, na qual um grande e amarelado tacho, percutido por um tacape de ponta arredondada – semelhante a uma boleadeira de ferro –, repicava, replicava, se debatia, balançava, parodiava o canto da araponga como tinha sido desde os tempos de Kikyô. Guaranis e Tupis estavam sozinhos, abandonados e indefesos, ameaçados. Os repiques de sinos nos campanários dos templos da campanha missioneira... Era o sinal de sua solidão.

Os avarés bons e necessários viraram inimigos. Pouco antes, até falar na língua de Kikyô no Tekoha de Kikyô foi decretado contra a lei. Na Yvy de Ibirapitã.

Novos homens barbudos vieram ocupar suas terras. Roubar seus filhos, carregar suas mulheres. Enganar seus jovens. Se apoderaram de suas plantas: avati, manioc, camé, yvva,...

Desde então, eles vagam de lá pra cá, tristes, mutambos que resistem. Oram, pedem, esmolam, clamam e damos-lhes as sobras. Seus deuses da mata, na voz dos pássaros da noite e até de alguns do dia, chamam:

— Kikyô! Kikyôôô! Kikyôôô-ôôô-ôôô...!!! Ki-kyy-ôôôô-ô-ô-ô-ô-ôôôôô...

Toda noite de lua cheia eu penso: quando volta Kikyô? ou Goenohodi, seu pai?

#### \* James Jorge Barbosa Flores -

Jaminho – é natural de Guia Lopes da Laguna/MS, onde nasceu em 08 de janeiro de 1965. Escritor, professor e jornalista, pesquisador da história e cultura do Mato Grosso do Sul as quais transforma em relatos ficcionais versando sobre os elementos culturais identitários e simbólicos do MS - sua musicalidade, linguajar, usos e costumes, a forte oralidade. Autor de – entre outros – Guarânias dizem adeus; Lá vai a chalana...; Onça pitoca; Roda de tereré literária e Tereré sem anestesia. É membro da UBE-MS.



## **DE BAURU A CAMPO GRANDE - MEMÓRIAS**

(Madah Mereb Greco)



viagem desde Bauru foi marcada pelo tempo cinzento do último dia de janeiro. A incerteza da jornada era grande, pois saímos do conforto da família e amigos próximos que foram deixados na plataforma da estação. Acenos que diminuíam conforme o trem acelerava dando rumo ao nosso novo destino.

A cada avanço das paralelas de aço da ferrovia, o anúncio de uma nova Estação, para mim desconhecida, mais distanciava da cidade que me viu crescer, casar, ter meus filhos. Meus filhos! Olhava para eles que dormiam na cabine do vagão, e as dúvidas só multiplicavam, aumentando ainda mais a distância da manhã que custava a chegar.

A luz rasgou o dia de maneira quase que voluptuosa e atrevida. Havia descoberto as manhãs de calor luxuriante do Centro-Oeste.

O cheiro que recebi assim que descemos na Estação de Campo Grande era uma mistura de manga doce, o forte cheiro do diesel das locomotivas, do óleo das frituras vendidas pelos ambulantes, das frutas e dos grãos diversos vendidos pelas índias terenas que, com suas bacias areadas, equilibradas na cabeça, desfilavam pela plataforma.

Outra forte impressão foi o barulho, vozes diferentes, choque de ferro e aço e um sem número de pessoas que nos falavam com uma intimidade assustadora. Era como se nós sempre tivéssemos vivido aqui e tivéssemos estado fora por um longo tempo. Este era o nosso lugar.

Nas ruas de pedra reluzindo ao sol da manhã, um grande número de cães passeando entre as pessoas faziam sua higiene pessoal ou apenas observavam o movimento. As mulheres, que já começavam a limpeza das estreitas calçadas, nos cumprimentavam com amizade e curiosidade. Aqui e ali uma roda de conversa era interrompida para um aceno, uma palavra de boas-vindas.

A disposição das casas da Rua Doutor Ferreira me encantou de pronto. Mais parecia uma cena de filme inglês, toda enfileirada, com cores diferentes, tapetes nas janelas (afinal era sábado – dia de faxina), crianças correndo, soltando pipa, comendo pão nos degraus das varandas que se abrem para a rua. Tudo muito diferente, as portas abertas escancaravam a intimidade da casa, um convite ao convívio participativo.

Neste espaço, onde criei meus filhos, aprendi a maneira de falar, a disposição hierárquica mantida pelo espaço físico na distribuição das casas, as comidas dos muitos lugares de origem dos ferroviários, que, como nós, fizeram da "vilinha" o seu lar.

Foi com mulheres corajosas e desconhecidas do público fora do espaço ferroviário que aprendi a importância delas na manutenção dos seus companheiros em lugares hostis, que já trabalharam ao longo dos trechos da ferrovia e, portanto, ferroviárias de valor.

Detentoras do patrimônio cultural oral da ferrovia, repassavam aos filhos os valores e costumes do



"povo ferroviário" – faziam o elo empresa/casa, o público e o privado.

As paralelas de aço me trouxeram para uma mudança radical de vida. A paixão pelas coisas e pessoas da ferrovia despertou a inquietação de buscar entender o espaço da "vilinha" e mesmo fora dele e suas relações. Não estudo a ferrovia por ser historiadora, tornei-me por conta da ferrovia.

Todas as vezes que me pego "conversando" com o papel, ou seja, colocando minhas impressões sobre o espaço ferroviário e seus personagens que nele habitam ou habitaram, espero ouvir o som do choque dos trens de manobras, a visita de um amigo para um rápido café enquanto se deslocava de um setor para outro, a voz chorosa das índias terenas anunciando os produtos da terra, o alarido dos alunos do "Batatinha" – Escola Álvaro Martins Neto, saindo ou entrando nos dois períodos de funcionamento. Sons – cotidiano ilustrado de uma "vilinha" – hoje ecoam no silêncio da Ferrovia.

#### \* Maria Madalena Dib Mereb Greco.

Historiadora, bacharel e licenciada em História pela UCDB, especialista em História Regional pela UFMS, Mestre em Desenvolvimento Local pela UCDB, escritora, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.





### **TINHOSA**

(Paulo Cabral)



Tinha cabelo nas ventas. Iracunda, colecionou inimizades desde meninota.

Casada, cumpriu à risca o preceito. Brigou feio com a sogra, a quem dizia odiar.

Escaramuças amiúde, urdidas por ela.

No tempo em que a mãe do marido morreu, os velórios aconteciam na residência. E as mulheres se punham de preto no devido luto.

Não comparecer à cerimônia de despedida da

defunta rendeu muito falatório, mas foi insuficiente

Vestiu-se em vermelho vivo. Queria escandalizar.

À passagem do cortejo fúnebre, apoiada na mureta da varanda de sua casa em pose lânguida, exibia um ar de alegria, expondo-se ostensivamente desafiadora, para que todos a vissem.

Derradeiro desaforo.

\* Paulo Eduardo Cabral, paulista vivendo há 44 anos em Campo Grande, é sociólogo formado pela Unesp de Rio Claro-SP. Professor, lecionou em todos os graus de ensino, menos o fundamental. Possui textos publicados sobre a Constituição de 1824, e os seguintes livros: "Campo Grande, educação escolar indígena", "História da UNAES", "Nada é por acaso – a trajetória de uma educadora" e, recentemente, "MACE, 50 anos". Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de MS.



## **MEMÓRIAS**

(Walesca Cassundé)

(Para meu pai, Francisco Cassundé Ferreira, que partiu no dia 25 de agosto deste ano para a casa do Pai Maior)



 seu moço, a vida teve sobressaltos, aperreios, sofrimento e lágrimas. Ôxe! E como! Só porque sou macho não tenho direito a um xororô? Pois eu lhe digo, cabra: Deus tirou meu colo aos sete anos! Desde então fiquei sem pai nem mãe, eu e mais nove irmãos. Os mais velhos, logo se largaram no mundo. Pedro mesmo, não se sabe se é vivo ou morto; se deixou descendência, ninguém sabe. Ouvimos dizer que foi pr'os lados da Amazônia, atrás de trabalho nos seringais. Nunca mais deu notícias. Quanto a mim, fui criado na casa das irmãs mais velhas e dos cunhados. Mas depois que servi o exército logo arrumei um lugarzinho num pau de arara para o sudeste maravilha. Fui morar com um sobrinho no Rio de Janeiro - Luiz, filho de "nieta", casada com Raimundo Silvino. Ele mesmo não ficou não. Rumou de volta pro Cariri. A saudade era tanta, seu moço! Mas São João não me deixou arrefecer, - nem meu padim. Aliás, lembro de uma festa de São João. Lembro como se fosse hoje. Sem nem um bocado de alfinim amufambado em casa, fui pra rua ver o povo cantar e dançar. Então olhei para a imagem dele e supliquei - valha-me meu São João; levantei do banco agoniado e tomei o meu beco, olhando para os sapatos. Não andei muito e encontrei um bom dinheiro jogado no chão! Eita que foi o melhor São João que passei na vida! Estudei um bocado e logo arrumei trabalho. Fui contratado pela Porto Seguro. Trabalhei uns bons anos lá. Minha família, embora sem muitos recursos, era muito procurada por políticos na época de eleição - boa de voto! Então um político do meu estado me indicou para um cargo na Receita Federal. Era no governo do Getúlio. E não é que fui nomeado? A sorte e a proteção de São João e meu padim sempre me acompanharam, além do mais, nunca fui homem de rejeitar trabalho! Naquele tempo não

precisava de concurso não; mas nem por isso deixei de cumprir minhas obrigações. Após a nomeação para a Receita Federal, me mandaram para o Mato Grosso [- uma lonjura de dar medo], pra fazer um estágio. Ainda não tinham dividido o estado e o Mato Grosso era bonito de ver. Na Receita, trabalhava uma morena de olhos agateados. Arenqueira que só! Eita que fiquei foi arriado logo que a vi. Era moça de família tradicional, sobrinha e neta de políticos locais. Pois não é que a minha estrela brilhou de novo? Casei com ela e tivemos três filhos - uma menina e dois molegues. Com a divisão do estado, decidimos criar nossos filhos em Campo Grande, sabe como é, estado novo, mais oportunidades. Vivemos juntos quase 60 anos, na verdade, 59 anos e 8 meses. É arretada a morena, mulher de fibra, pantaneira de Mimoso, distrito de Santo Antônio do Lewerger. Trabalhamos juntos na Receita e assim criamos nossos filhos. Eles cresceram, formaram-se e os meninos se casaram. Sempre que encontrava alguém conhecido que perguntava por eles, dizia, todo pabo, que formei os três minha filha é advogada e pós-graduada, meu filho mais velho, engenheiro civil e meu caçula se formou em farmácia e bioquímica. Vivi quase noventa anos, honrando a fama de bom humor de todo cearense. Mas se chegava numa casa qualquer e não ouvia o barulho de panelas na cozinha me lembrava logo dos tempos de penúria. Fui feliz. Nunca me afastei de meus princípios. Não esqueci de onde vim. Embora tenha demorado muito para voltar ao Ceará, quando lá estive, quase 50 anos depois de minha partida naquele pau de arara, fui ao Juazeiro visitar meu padim e agradeci a ele tudo o que me ajudou a construir. Hoje voltei para a casa do Pai. É, seu moço! Foi uma longa caminhada! Fácil não foi não; mas consegui vencer! Eita vida pai d'égua!



## Histórias da UBE-MS

## HOMENAGEM AO PROFESSOR ANTÔNIO LOPES LINS PRIMEIRO PRESIDENTE DA UBE/MS

"A experiência humana avança no sentido único da elevação."

(Guimarães Rocha)



Professor Antônio Lopes Lins \*

Buscam-se os ideais sublimes mesmo chafurdando em lodaçais, quando então a procura pelo amor ainda subjaz. E as chamas da esperança não se desfazem, apesar dos indivíduos lançados, temporariamente, nas voragens da desilusão. Estamos nos referindo ao escritor Antônio Lopes Lins.

Sua obra "Janaina, a canção do Minuano", (poesias, 1976), prefaciada por Demosthenes Martins, demonstra de que forma, pelos fenômenos de interioridade, a elaboração emocional vai acendrando a humanidade, refinando a sensibilidade, que em secreto move o mundo. Trata-se de novela de cunho íntimo, composta por prosa poética e cartas-poema, vazada em estilo metalírico.

Antônio Lopes Lins nasceu em Sobral/CE (09/06/1912). Faleceu em Campo Grande/MS (05/07/1990). De aprendiz de tipógrafo a caixeiro de livraria, entre seus 10 e 12 anos, em sua cidade natal, formou-se, tempos depois, em odontologia, no Pará. Foi jornalista e redator na Paraíba (João Pessoa, jornal "A União" e revista da Secretaria de Estado da Produção), onde, em seguida, diplomou-se nas Faculdades de Comércio e Ciências Econômicas. A partir de 1941, mediante concurso público, fez carreira no Banco do Brasil, gerenciando em Goiana (PE); Italiana (PB); Santarém (PA); Matão (SP); Santana do Livramento (RS) e Campo Grande (MS), culminando no cargo de inspetor. Elegeu-se Deputado Estadual por Mato Grosso, em



1970 e foi professor de Geografia, História e Economia das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMT que, desde 1993, se tornou a UCDB. Colunista do jornal Correio do Estado. Membro fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Na Academia Mato-grossense de Letras, ocupou a cadeira 18. Membro fundador e o primeiro presidente de União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul (Junho, 1985). Mestre incentivador dos ideais da instituição.

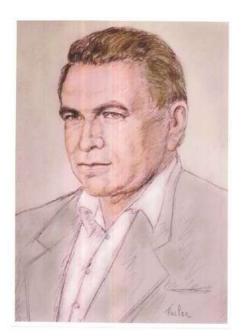
Escreveu também os livros "Incesto" (novela), 1968; "Caminhos de Lama" (Romance 1973); O Velho Maquinista e Outras Histórias" (Contos, 1974); "Pontos de Geografia Geral" (didático); "Eduardo Olímpio Machado"; "Crônicas dos Tempos"; "Sinais de Ramaiana"; "Celestina"; "Histórias Proibidas" e "Acontecências".

Em "Janaína, a Canção do Minuano", intensamente romântico, o autor faz o difícil ensaio de decifrar o coração em sua maior intimidade. Nesse terreno do imponderável, o jeito é trazer o clima para a pessoalidade, colocando a tinta da subjetividade num enredo que bem poderia acontecer ou ter acontecido pelos refolhos da grande novela humana. Trata do encontro de dois corações na trama de uma existência física, um choque espiritual, um amor que se tornou impossível por causa dos imperativos materiais, circunstâncias de esco-Iha individual. E prossegue Lopes Lins: o homem apaixonado opta pela realização material, mas com esperanças do sentimento maior vislumbrado; a mulher se recolhe em desalento. Reorganiza a vida junto a outro afeto, compõe família, enquanto aquele que buscou primeiro a ascensão social se torna o poeta sonhador ruminante da lembrança nostálgica de um romance inconcluso.

Seu sonho de amor, tornado conflito interior, por vezes divaga pelas veredas do fantástico, suspirando por aventura e liberdade compartilhada. "(...) que tua luz limpasse dos meus sonhos os resíduos de carbono de que é feito nosso corpo mortal. Entretanto, algo dentro de mim teima em trazer para a terra o que é do céu, tirar do zênite de Deus para o nadir do homem, à luz longínqua da esperança, que tremeluz a indicar-me um caminho". Noutras faz definições ideais: "Deus é a essência do amor. A terra e o céu são produtos desse amor imenso", e "As pessoas espirituais sentem o espírito no objeto de seu amor".

Entre a terra e o céu, chora, ardendo em febre, a irreversibilidade do tempo: "Sinto dentro de mim, a mão gelada / de confusas imagens de saudades (...)". Entrechocado por um certo fatalismo do corpo carnal, em contraposição às requisições da alma, quando em vez vai ao sensualismo buscar temperos da vida e refúgios mentais. No âmago, o ideal puro e divinal e intocável da mulher amada. Ao epílogo momentâneo desse amor, Lopes Lins escreve antíteses: "... verbenas e rosas e frutas maduras instilando perfumes no ar; primaveras derramando canções nas criaturas...", e "Na escuridão vazia das noites sem lua, o poeta se convertia em um fantasma de si mesmo, sofrendo e penando, chorando e *morrendo..."*. Na segunda parte do livro, o autor nos oferece amostragem de outros trabalhos poéticos de sua autoria. Em alguns, fala da perfeição e da bondade de Jesus e nos chama ao patriotismo e à comunhão com Deus.

Trazemos aos amigos uma contribuição sobre quem foi Antônio Lopes Lins e também um pouco de sua significativa obra literária – que nos contagia com o seu verbo flamejante –, boas lembranças que nos ajudam a construir edifícios da inteligência emocional. Cuidamos dessa amizade que, na sua vibração fraterna, nos acompanha nesta passagem.



**Guimarães Rocha\*** – Poeta e escritor. Membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras e Membro fundador da União Brasileira de Escritores/MS.



## **CONCURSO 'NOITE DA POESIA'**



Histórico e curiosidades

(Samuel Medeiros)

um panorama global de pandemia que não atinge somente o corpo, mas nossas comuns atividades, a meta é buscar consolo num dos aspectos de refúgio intelectual, a poesia. Até soa incongruente falar em poesia nestes tempos opressivos, mas ela nos reserva um espaço de refúgio onde nos apoiamos para fugir das adversidades, ou pelo menos tentar. Falar em poesia quando nos ronda a inquietude, pode parecer paradoxal, mas sem ela, a vida fica um pouco mais nublada.

Em Campo Grande, o concurso NOITE DA POESIA, promovido pela UBE-MS, nos dá alento e prova que nem tudo está perdido. Seu objetivo é visualizar o universo da criação literária poética, descobrir e incentivar talentos. O concurso vem se realizando há trinta e três anos. Vamos a um breve histórico.

Em 1987, um ano após a criação da UBE-MS, foi instituído o Concurso "Noite da Poesia de Campo Grande", com o objetivo de conhecer e divulgar novos talentos, fomentar a qualidade do texto poético e estimular, no município, o aprimoramento da produção literária. No primeiro ano foi uma mera experiência local, praticamente para poucas pessoas, as mais conhecidas no meio. Nos anos seguintes, foi se ampliando e agregando novos participantes e, mesmo exigindo um júri composto de três pessoas para avaliar os poemas apresentados com pseudônimo, os vencedores começaram a se repetir, e que tivemos alguns "hors concurs", que não podiam mais concorrer.

Em 1989, na gestão do Prefeito Juvêncio César da Fonseca, atendendo exposição de motivos do Presidente da UBE-MS, Júlio Alfredo Guimarães (falecido), de alguns fundadores da entidade como Guimarães Rocha, André Barbosa, Orlando Silvestre, e de associados como lolete Moreira e Ruberval Cunha entre outros, a Prefeitura de Campo Grande institucionalizou o Concurso, abrigando-o em forma de Decreto do Executivo. Assim, em 24 de maio daquele ano, foi publicado o Decreto nº 5.882, instituindo a "Noite da Poesia", estabelecendo em seu Parágrafo Único que: "A promoção do concurso será da União Brasileira de Escritores -Seção de Mato Grosso do Sul e da (então) Secretaria *Municipal da Cultura e do Esporte"*. Ao longo desses anos, a UBE-MS e a Prefeitura de Campo Grande amadureceram uma produtiva parceria e, a partir de 2001, o evento se tornou nacional, empregando-se em suas peças publicitárias o título de "Noite Nacional da Poesia".

O concurso obedeceu, desde seu início, a seguinte programação: apuradas as notas por três avaliadores, classificam-se dez poemas, premiando-se em dinheiro pelo mérito literário os três primeiros. Esses dez poemas eram enviados a dez declamadores que concorriam, também, aos primeiros três lugares.

Durante os anos que antecederam a pandemia, a premiação se fez em costumeiro evento, em geral uma noite de gala, num dos teatros de Campo Grande para premiar os vencedores (daí o nome do concurso "Noite da Poesia"). Inicialmente, o evento era programado para ocorrer em duas noites.

Na primeira, além de apresentações musicais, havia o concurso de declamação, quando intérpretes apresentavam os dez poemas classificados concorrendo aos primeiros três lugares. Nessa noite também eram homenageadas figuras de destaque na literatura e artes Sul-Mato-Grossenses.



Na segunda noite, eram entregues os prêmios em dinheiro aos vencedores pelo mérito das poesias. Os três classificados no concurso de declamação eram premiados com troféus, como este, em 2010:

#### XXIII NOITE NACIONAL DA POESIA 2010 TROFÉU MANOEL DE BARROS 1º Lugar - Declamação



Troféu entregue ao intérprete Douglas Moreira, que declamou o poema "Últimos Preitos dos Poetas", de autoria de Roque Aloísio Weschenfelder, de Sta. Rosa-RS

Nessa segunda noite, além da cerimônia de premiação, a grande atração era a palestra ministrada por escritor de visibilidade nacional, o qual era convidado a vir a Campo Grande, oportunidade de ouvir e interagir com o trabalho de expressões da literatura poética brasileira.

Com o advento da Internet e sua popularização a partir do ano 2000, o concurso Noite da Poesia tem sido conhecido nacionalmente quando autores de todos os estados da Federação e brasileiros residentes no exterior se inscrevem.

Por esse fato, e também porque o concurso ultrapassou as fronteiras de Campo Grande, foi em 2001 a primeira visita de uma poeta desse porte: Adélia Prado que esteve na 14ª Noite, no auditório da Federação das Indústrias.



Adélia Prado autografando entre Elizabeth Fonseca, então associada à UBE-MS e pessoa da assessoria da escritora



A partir de 2014, a Noite teve sua programação resumida em uma só noite. Seguem-se mais dados históricos.

Após a primeira convidada, a poeta Adélia Prado na 14ª Noite em 2002, diversos escritores estiveram em Campo Grande:

15ª Noite, 2002 - Zé Maria e Geraldo Amâncio (repentistas do Nordeste)

16ª Noite, 2003 - Wally Salomão

17<sup>a</sup> Noite, 2004 - Nélida Piñon

18ª Noite, 2005 - Thiago de Mello

19ª Noite, 2006 - Affonso Romano de Sant'Anna

20a Noite, 2007 - Arnaldo Antunes

21a Noite, 2008 - Gabriel, O Pensador

22a Noite, 2009 - Moacyr Scliar

23ª Noite, 2010 - Ariano Suassuna

24<sup>a</sup> Noite, 2011 - Rubens Alves

26ª Noite, 2014 - Cristóvão Tezza

27ª Noite, 2015 - João Gilberto Noll

28ª Noite, 2016 - Elisa Lucinda

29ª Noite, 2017 - Viviane Mosé

30ª Noite, 2018 - Bráulio Bessa

E em 2019, no último evento presencial, a 31ª Noite, o poeta e historiador Eduardo Bueno.



#### **CURIOSIDADES**

2010 foi um ano simbólico para a UBE-MS com dois eventos significativos: em junho comemoramos os 25 anos da UBE-MS em solenidade no auditório do SEBRAE, com a presença do presidente da UBE nacional, o escritor José Maria Botelho, autoridades e todos os associados fundadores. Nesse dia, lançamos o segundo número de nossa Revista da UBE-MS.

Antecedendo a essa comemoração, o 23º concurso Noite Nacional da Poesia foi realizado em maio, com a presença ilustre de ARIANO SUASSUNA.

O primeiro lugar pelo mérito literário foi de um de nossos associados, Reginaldo Costa de Albuquerque:

#### A Santa

Parei, ouvindo o sino, em frente à escadaria, e então me aproximei do altar vazio e triste. Toco em cálices... bíblia... e o círio ardendo em riste, onde um fingido 'sim' outrora, a igreja enchia.

Pelos vitrais a eterna hóstia além, se erguia fria... Nada mais da outra data agora em mim existe, triunfa o vulto atroz das ilusões que assiste ao órgão com a nupcial e antiga melodia.

Ajoelhado aos pés da santa, lá no fundo, nas orações revelo o ansiar de um moribundo... E quando os olhos abro, a visão prende e encanta:

no santuário, um quadro único de sintaxe, baixando o pedestal, ela beijou-me a face... Cabeça oca me ocorre!... E se não for santa?...





Um dos eventos mais concorridos foi a 20ª Noite da Poesia, em 2007, com a presença de ARNALDO ANTUNES, quando tivemos lotação completa no Teatro Glauce Rocha. Era presidente da UBE-MS, Elias Borges. Muitas coisas curiosas aconteceram nesse concurso. Na primeira noite, no concurso de declamações, no Teatro Glauce Rocha, apresentaram-se os dez intérpretes; era permitida a performance - adereços e figurinos que pudessem enriquecer a fala. Um dos intérpretes entrou no palco enrolado em imenso lençol. Ao término de sua declamação, virou de costas e jogou o lençol para cima. Estava completamente nu e assim se dirigiu à coxia.

Também mais um fato curioso dessa Noite: foi o menor poema que já obteve o primeiro lugar em premiações: Minimalíssima, de autoria de Osmar Casagrande Júnior, de Campo Grande:

> A redondilha menor os seios A redondilha maior a anca A pelve livre.



Arnaldo Antunes e público no Teatro Glauce Rocha



E seguem-se as histórias.

O escritor Wally Salomão, do movimento literário geração beat, com o maior bom humor, aventurou-se a pé pela cidade; ninguém sabia para onde teria ido. A Comissão Organizadora do concurso ficou desesperada porque estava na hora do evento e nada dele. Sorte que, sabedor do local, tomou um táxi e chegou; mas um pouco tarde; assim, a programação, lamentavelmente, se atrasou para vaia dos estudantes presentes. Morreu logo em seguida à noite da poesia, no mesmo mês.

Aconteceu um fato desastrado com Thiago Melo. A TV Morena quis entrevistá-lo ao vivo. Pois bem. Ele foi entrevistado na mesma hora em que mostravam artistas do funk, ritmo recentemente em voga. Assim que lhe deram a palavra, o mesmo disse que nós gostávamos de uma arte duvidosa. Cortaram imediatamente a entrevista. Na noite do evento no Teatro da Mace, estudantes vaiaram políticos que se estendiam na fala.

#### **FINAL**

O concurso Noite da Poesia continua com suas finalidades e amplia a estabilidade da UBE-MS como instituição. Ano passado (2020), se realizou virtualmente com mais de 763 inscrições de poetas oriundos de 280 cidades de 23 Estados da Federação e de brasileiros residentes em mais 5 países (Portugal, Moçambique, Angola, Canadá, Espanha, e Japão).

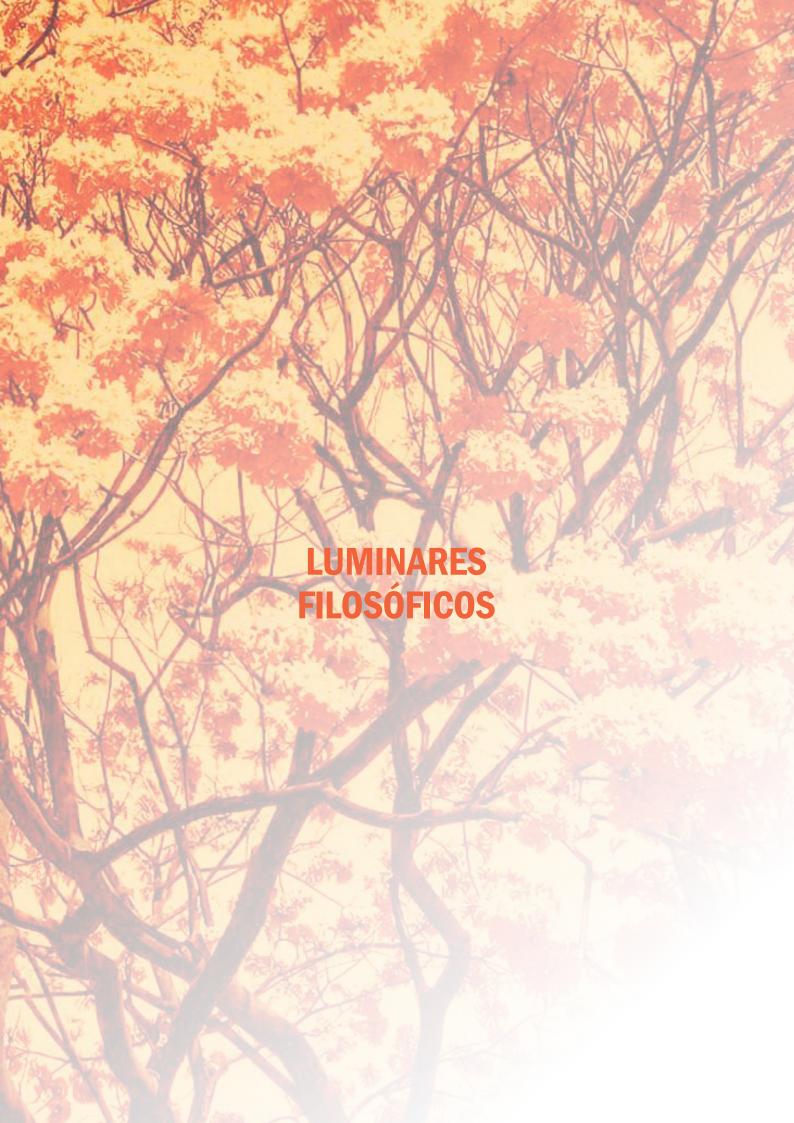
Este ano o concurso se realizará também de forma virtual motivado pela pandemia, mas o sucesso não está apenas nas apresentações presenciais, mas em seu conteúdo, quando percebemos que há renovação e excelentes poetas brasileiros se inscrevem.

É a UBE-MS se destacando no cenário da literatura nacional, graças ao patrocínio da Prefeitura de Campo Grande que tem, com isso, valorizado a cultura de maneira inestimável. No próximo número da Piúna continuaremos com a história do concurso.





<sup>\*</sup> Samuel Medeiros é advogado. Publicou os seguintes livros: Memórias de Jardim, em 2002; Senhorinha Barbosa Lopes – Uma História da Resistência Feminina na Guerra do Paraguai – 1ª edição em 2007, 2ª edição em 2012 e 3ª edição em 2018; Contos a Gotas, 2012, Contos Quase Causos, em 2017, Informações (i)Relevantes em 2017 e Cartas de Além-Mar em 2019. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de MS. Foi presidente da UBE-MS por cinco mandatos. Atual Vice-Presidente da Instituição.



## **LUMINARES FILOSÓFICOS**



(reflexões sobre a existência humana)

#### **VIRTUAL E ALIENANTE?**

(Elias Borges)

ão é de hoje que há uma discussão sobre os efeitos que a virtualização dos saberes provoca na vida das pessoas. Analisando por um viés otimista, temos de concordar que assistimos tudo em tempo real. Temos o globo na ponta de um dedo. Se antes, para publicarmos qualquer coisa precisávamos duma editora, hoje não precisamos da permissão de ninguém. As redes aceitam tudo, ou quase tudo desde que você saiba minimamente usar as palavras. Talvez seja mesmo impensável admitirmos o desenvolvimento da vida humana sem o aprimoramento ininterrupto da tecnologia. Aqui recorro a Aristóteles que escreveu em seu livro "Política", "que o homem é por natureza um animal social, e que a fala tem a finalidade de indicar o conveniente e o nocivo". Mas o absurdo nisso tudo é que, em quase todos os espaços, o que se vê são indivíduos cada vez mais distantes, não fisicamente, pois nos bares, nas universidades, nas praças de alimentação estes estão

reunidos, mas apenas checando mensagens, olhando fotos e também enviando. A essência da condição humana está fundamentada na capacidade de poder interagir, de se comunicar com outrem. É paradoxal que apesar das inúmeras tecnologias comunicacionais disponíveis, não conseguimos nos aprofundar com o nosso interlocutor. Será que do ponto de vista da ética, a tecnologia promove o aperfeiçoamento das nossas limitações perceptivas da realidade? O ponto a que quero chegar é exatamente este. Não há nada de errado com a tecnologia. O que está errado é a nossa falta de disposição ética para lidarmos com as ações humanas nesse novo contexto. Ouvir o outro dá trabalho, exige paciência, acolhimento. Para que encarar a complexidade do mundo? Correr o risco de nos chamarem de fascistas, autoritários? Como disse Zygmunt Bauman, virtualmente fica mais fácil ser amigo. Se o outro se exceder, a gente o deleta.



Elias Borges é poeta, contista, cientista social e filósofo.



### A SOCIOLOGIA INTERPRETATIVA DE MAX WEB

(Landes Pereira)

ax Weber (1864-1920) dedicou-se à economia, à história, à filosofia, ao direito, à sociologia e à política, entre outros ramos do conhecimento. Foi livre-docente na Universidade de Berlim, professor catedrático nas Universidades de Freiburg e de Deidelberg, conferencista nas Universidades de Viena e de Munique, além de ter desenvolvido pesquisas científicas em outras áreas. Foi chamado de "o último dos grandes filósofos" por estudiosos como Maurice Merleau-Ponty e Reinhard Bendix. Mas também foi duramente criticado por outros pensadores, como Georg Lukács e Alfred Schutz.

Em sua biografia consta que: "Na militância política de seu país, Weber representou a mentalidade civil e democrática que se opunha à burocracia, ao espírito militarista e ao regime autoritário estabelecido pelos "Junker" prussianos. Ao terminar a guerra de 1914-1918, representou a Alemanha nas conversações de paz, realizadas em Versalhes".

É difícil achar um rótulo para seus métodos de "análise histórica" e de "análise sociológica", porque ele foi influenciado por quase todas as correntes de pensamento social e de metodologias de análise histórica que o antecederam. Ao mesmo tempo, influenciou os pensadores, seus contemporâneos e os que o sucederam. No Brasil, a sociologia, a filosofia, a economia, a literatura e a política, bem como a interpretação patrimonial e estamental da história do país foram enriquecidas pela influência weberiana.

Na teoria econômica e na teoria da administração, Max Weber e Karl Marx são classificados como estruturalistas – o primeiro fenomenológico e o segundo dialético. Tal classificação serve para unir as duas correntes doutrinárias, sem diminuir a contribuição de ambos no processo de desenvolvimento histórico do conhecimento humano. Ao contrário, enriquece a compreensão da dialética moderna, como diz Merleau Ponty: "Somente a partir de Weber e desse marxismo weberiano pode-se compreender as aventuras da dialética".



Weber é fenomenológico, mas a sua fenomenologia não é sistemática como a de Edmund Husserl, porque não pretende o saber absoluto. Não faz análise de aspectos isolados nem pretende a totalidade, considerando que tudo é relativo. Mesmo o curso dos acontecimentos imprevisíveis que vai à procura da eternidade, transforma-se infindavelmente, num relativismo que tende ao absoluto da regra geral – é o "fator espiritual", um quasedeterminismo, interferindo no conjunto universal.

Weber foi capaz de viver a história demonstrando a "dialética da história" sem anular a "dialética materialista". Fez adequação metodológica à própria "categoria metodológica" de seus estudos, conciliando o método dialético ao fenomenológico, sem se distanciar do estruturalismo e da teoria geral dos sistemas, e sem negar o "método naturalista" (positivista). Não se limitou a uma interpretação causal e espiritualista, reconhecendo a predominância das transformações econômicas sobre as transformações religiosas. Destacou que o devir histórico, dialeticamente emergindo da superestrutura social, faz com que a política, na regência comportamental dos povos, seja apenas a arte de reinventar o que parecerá sempre ter sido exigido pelo tempo.

Weber é dialético quando demonstra que os estereótipos dos observadores eliminam as construções rígidas e lógicas do método científico natural, mas (os estereótipos) permanecem sendo usados para comparar as ideias do pesquisador com a realidade do fenômeno social. As diferenças constatadas geram novas ideias, mais abrangentes e que podem ser generalizadas, formando uma síntese dos níveis objetivos e subjetivos da realidade.

Weber é um liberal fiel ao espírito de investigação e de conhecimento, onde saber e prática



enfrentam a mesma infinidade do real histórico. Neste caso, o passado é uma impossibilidade teórica, pois o entendimento histórico, assim como o entendimento físico, e de acordo com as regras determinadas, construirá a própria objetividade relativa. A história tem sentido, mas não é puro desenvolvimento da ideia, pois os acontecimentos não são absolutos, e sim positivos ou negativos, na interpretação da posteridade segundo os métodos analíticos adotados.

Merleau-Ponty esclarece esses aspectos que entrelaçam o fenomenológico com o dialético: "As significações, ou como diz Weber, os tipos ideais introduzidos nos fatos não deverão ser tomados como chaves da história: são apenas balizas precisas para apreciar a distância entre o que pensamos e o que foi, para evidenciar o resíduo deixado por toda interpretação. Cada perspectiva ali está apenas para preparar outras e só estará fundada se for admitida como parcial, aceitando-se que o real fica ainda além".

Os "tipos ideais" representam o primeiro nível de generalizações de conceitos abstratos, correspondendo às exigências lógicas da prova. Descrevem um desenvolvimento normativamente ideal, um curso de ação "objetivamente possível" e não um curso concreto de ação. Não são falsos nem verdadeiros, mas sim válidos ou não válidos, segundo a utilidade para a compreensão significativa dos acontecimentos estudados.

A observação de um fato humano não significa a explicação de um relacionamento de causa e efeito, mas sim a compreensão de algo que aponta para outros fatos, em função dos quais será possível uma interpretação histórica. É o "método compreensivo", consistindo em entender o sentido que as ações de um indivíduo contêm, não ficando apenas na observação do aspecto exterior dessas mesmas ações. As ciências exatas partiriam da observação sensível e seriam experimentais, enquanto que as ciências humanas seriam introspectivas e utilizariam a intuição direta dos fatos, procurando descrições qualitativas de tipos e formas fundamentais da vida do espírito.

Weber demonstrou que o modo explicativo é característico das ciências naturais e que a compreensão é o modo típico de proceder das ciências humanas, mas não refutou a identidade entre as duas ciências. Concorda com os positivistas no que diz respeito à inexistência de conhecimento válido dissociado da evidência empírica, e aproxima-se deles ao conceituar e diferenciar "causação adequada" e "causação acidental" sem chegar à "causação necessária das Ciências Naturais". A separação de sua perspectiva metodológica da dos positivistas é feita através da "compreensão interpretativa".

A influência positivista, basicamente a tese da separação entre os julgamentos de fato e os julgamentos de valor, levou Weber a reconhecer que os valores do observador, nas ciências sociais, desempenham papel destacado na seleção do objeto da pesquisa científica. Assinalou que o trabalho empírico do cientista deve estar livre de qualquer valoração e que os resultados devem ser aceitos por todos, indistintamente. Negou o determinismo social do pensamento positivista e, em suas teorias não aceita o absoluto e se aconchega ao relativismo, fazendo o entrelaçamento da filosofia da história com a práxis, como também farão Lukács e Schutz. Procura decifrar o sentido total daquilo que foi feito, afirmando que não se trata, unicamente, de coincidir a realidade dos fatos com o que foi vivido, mas de interpretá-lo analiticamente.

Weber reafirma que o passado é apenas um espetáculo posto para testemunhar e ser interrogado, proporcionando uma interpretação analítica, mas não revolucionária. A sociedade é o seu passado, presente e futuro, estando aberta aos êxtases do tempo, da mesma forma que é o ser dos seus cidadãos. Não é um revolucionário querendo mudar o sentido da ciência ou da história, apenas reforça que a sociedade consiste em indivíduos pensantes e volitivos, e não em abstrações teóricas. A sua consciência, em termos de categorias sociais, passa pela sequência de fatos únicos ocorridos ao longo dos tempos e disponíveis para julgamento segundo uma determinada metodologia de "racionalização".





A "racionalização" é uma constante nas definições das estruturas weberianas, ocorrendo sempre depois do fato consumado. Nesse caso, o método da racionalização se insere no contexto da teoria geral dos sistemas abertos porque à medida que as interações estruturais se acumulam, o desenvolvimento do sistema em seu próprio sentido torna-se cada vez mais provável.

Weber frequentemente recorre a "generalizações", e o seu método interpretativo envolve certa afinidade entre o "espírito celeste" e determinadas características de comunidade política. A prática e o método científico são imanentes ao embaralhamento da história, como passado-espetáculo para a análise crítica da história-ciência, conciliando a história-juiz e a história-objetiva, mas sem definição absoluta enquanto presente. Ele compreende os detalhes dos fatos e trespassa as aparências factuais que tende a encerrar o entendimento; ultrapassa as perspectivas provisórias e parciais, pela dialética do conjunto, e restitui a intenção anônima dos fenômenos observados. Os motivos espirituais e as causas materiais não são apenas elementos de integração, mas sim componentes renovadores da própria concepção da matéria histórica, que tem sentido e não é um simples desenvolvimento da ideia.

A metodologia weberiana de análise histórica, portanto, compõe-se de três elementos fundamentais: a construção de tipos ideais para encontrar a equivalência entre os fatos empíricos e os significados subjetivos dos mesmos; a dinâmica processual da "compreensão interpretativa", no todo, constituindo uma "ponte teórica" que une a

ciência da natureza e a subjetividade metafísica da ciência social na análise do mundo real, via comportamento humano; e o conceito de "relevância do valor".

Não há critério explícito quanto ao conceito de "relevância de valor", ficando um tanto vago e indefinido, apesar de sua importância para a compreensão científica do comportamento significativo.

O procedimento weberiano assenta-se em estudos substantivos com três aplicações diferentes, mas interligados: escolha de um problema central vinculado a conceitos acasalados, com inúmeras ramificações; análise comparativa entre intelectualidade das várias facções religiosas e as tendências político-religiosas dos estamentos das classes sociais; método prático para análises da estrutura das sociedades, bem como de suas adequações históricas.

O método weberiano estabelece, sobretudo, uma dicotomia entre o racional e o irracional e procura recuperar as escolhas do passado pela experiência do presente, em bases lógicas. Para ele, o saber progressivo nada mais é que aparência, pois existe uma verdade incondicionada que aciona o círculo do presente e do passado fazendo com que nenhum fato histórico alcance seu sentido pleno, a não ser que tenha sido vinculado a todos os demais fatos que podem ser reconhecidos pela posteridade. Chama a atenção para que não se caia em uma "não-história", aética, apresentada em modelos excessivamente simplificados ou distorcidos por orientações religiosas de estamentos sociais estratificados.



**Landes Pereira** - Economista e professor universitário com doutorado; articulista do jornal O Estado de Mato Grosso do Sul.

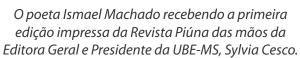




Por Diana Pilatti

# Ô, DE CASA!







A Editora Assistente da Piúna, Janet Zimmermann, em encontro com o poeta Carlos Nejar, na noite de 13 de julho deste ano, na "067 Vinhos" – Campo Grande/MS.





## LANÇAMENTOS DE LIVROS

## DIÁRIO POÉTICO DA QUARENTENA



O "Diário Poético da Quarentena", livro de Cassio Rodrigues, com ilustrações de Bea Machado e prefácio de Glauco Mattoso, foi publicado pela Editora Caligo, em formato digital, em julho de 2020, e versão impressa, em março de 2021.

Neste livro, o cotidiano da pandemia se traduz de forma lírica e bemhumorada, em poemas curtos e livres, alguns haicais, aldravias e quintas, sobre a (nova) rotina de distanciamento, a leveza do silêncio e o dom de saber apreciar o tempo-lento e as pequenas alegrias em casa...

"[...] Acho louvável e necessária uma obra que trate da pandemia de forma leve e humorística, tal como você propõe. Espero que atinja o público-alvo e que desempenhe esse objetivo de enfatizar a civilidade da cultura brasileira, ou pelo menos da parcela mais libertária do nosso povo, que creio ser majoritária, para rimar." Glauco Mattoso, poeta, ficcionista, ensaísta e articulista, ganhador do Prêmio Jabuti de 1999 na categoria tradução.



#### Eis alguns poemas de Cassio:



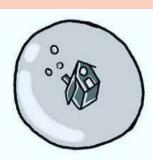
VI

Nosso mundo em Standby. Hoje a gente Mora num haikai.



XVI

Casais caminham na rua - separados por 2 metros de ternura.



XXVIII

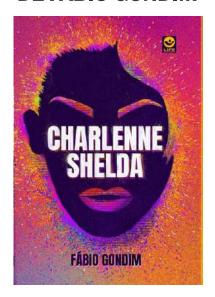
Agora o papo é reto: Não saio aqui de dentro Nem por decreto

Minha casa meu covil Em desobediência civil



## LANÇAMENTOS DE LIVROS

### CHARLENNE SHELDA, DE FÁBIO GONDIM



Aconteceu no dia 28 de julho de 2021, dia internacional do Orgulho LGBT, o pré-lançamento do livro de poemas de Fábio Gondim, poeta campograndense, autor do livro *Versos para Lamber* (Editora Life, 2017), *Charlenne Shelda* é o segundo livro do autor.

#### Sinopse:

Charlenne Shelda visita a complexidade das relações afetivas entre os amantes. Ainda que em algum momento seja otimista, o livro explora principalmente o lado sombrio dos relacionamentos. É, portanto, uma obra sobre o amor, suas delícias e dores, e, embora seu conteúdo se aplique a qualquer história de amor, foi construído sobre o pilar do universo passional LGBTQIA+.

Leia um trechinho do livro de Fábio Gondim

as cicatrizes que carrego na pele e dentro, são marcas de ferro forjado dos amores que abraso. apego e afeto em desalinho. sou extenso mapa de descarinhos.

Para adquirir a obra, basta enviar uma mensagem diretamente para o autor nas redes sociais @superffabio.

### DOIS LIVROS DO AUTOR JAMINHO NA PRÉ-VENDA



#### TERERÉ SEM ANESTESIA

Sinopse:

Relatos de tomadores de tereré. Característicos, denotadores, identitários. Perguntas, respostas, dúvidas e descobertas. O folclore, a história, a sociedade e o cidadão, invenção e inventores do Tereré. O Tereré de beber e ler. O tereré que se gosta e se sabe, ou não se sabe; desconfia-se. Histórias de tereré e do tereré. Para sorver, absorver, matutar e matar a sede. Refletir, recordar, viciar-se...

#### RODA DETERERÉ LITERÁRIA

Sinopse:

Nestas páginas, o leitor conhecerá e desvendará: muitos segredos, alguns sonhos, belas paisagens, meia dúzia de assassinatos, nove assombrações, um fantasma, um medroso, sete pecados, incontáveis saudades; os enredos e destinos das personagens no território do tereré.

Ambos livros estão na pré-venda no site da Editora Telha editoratelha.com.br ou diretamente com o autor pelo telefone (67) 99952-0443.





# **CONCURSOS LITERÁRIOS**

#### 33a NOITE DA POESIA





Com inscrições abertas até 20 de setembro de 2021, a **33ª Noite da Poesia** – uma realização da UBE-MS (União Brasileira de Escritores de Mato Grosso do Sul) com apoio da Prefeitura Municipal de Campo Grande – tem o objetivo de premiar poemas inéditos escritos em língua portuguesa de autores brasileiros ou estrangeiros (os poetas sul-mato-grossenses deverão comprovar residência, conforme orientações previstas no edital).

O processo seletivo consistirá na escolha, pelo valor literário, dos 10 melhores poemas, premiando-se em dinheiro os 03 primeiros classificados, tanto em nível nacional como estadual.

As inscrições são gratuitas.

Acesse o edital no site da UBE/MS <u>www.ubems.org.br/noite-da-poesia</u>.



### PRÊMIO KINDLE DE LITERATURA



Categoria Romance (inédito)

O concurso cultural *Prêmio Kindle de Literatura* é promovido pela Amazon.com.br, com apoio do Grupo Editorial Record, e objetiva premiar obras literárias inéditas na categoria Ficção/Romance (Fantasia, ficção científica, suspense, histórico, romântico entre diversas outras) escritas em Português do Brasil.

As inscrições são gratuitas e estão abertas até 15 de setembro de 2021.

Mais informações no site amazon.com.br ou use o Código QR para acessar o edital.





### PRÊMIO TREMA INVERNO 2021



Categoria: livre

As inscrições para o Concurso *Prêmio Trema Inverno 2021* estão abertas até 30 de setembro de 2021.

O tema é livre e não há exigência de ineditismo. As inscrições são gratuitas.

Mais informações no site <u>trema.com.br</u> ou use o Código QR para ser direcionado para o regulamento.





## **CHAMADAS PARA PUBLICAÇÃO DE LIVROS E REVISTAS**

### **MINNA EDITORA**



Em 2020, a Minna foi escolhida dentre os beneficiários do fundo +Livros, promovido pelo Catarse. Com este recurso, a editora irá publicar um livro, cujo lançamento acontecerá em 2022.

O tema é livre, desde que de literatura fantástica (fantasia, ficção científica), podendo ser romance, novela, coletânea, quadrinhos.

Para acessar o edital completo, acesse o site <u>minnaeditora.com.br</u> ou use o Código QR para ser direcionado:





## **OBSERVADORES DE PÁSSAROS: CONTOS DE PASSARINHOS**



A Editora Ecodidática está com chamada aberta para a Coletânea Observadores de pássaros: contos de passarinhos.

Para esta coletânea serão aceitos somente contos e o eixo temático é Aves Livres na Natureza.

As inscrições vão até o dia 1º de outubro de 2021 e são gratuitas. Mais informações no site editoraecodidatica.com.br





## **OFÍCIOS TERRESTRES**



A Ofícios Terrestres Edições está com chamadas abertas para livros de poesia e prosa, até 25 de setembro de 2021.

O original completo deve ser enviado por e-mail oficiosterrestresedito-ra@gmail.com e deve ser inédito em vias impressas.

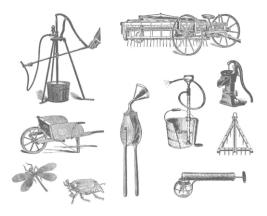
A publicação dos textos aprovados não trará qualquer custo financeiro aos autores.

Mais informações no site <u>oficiosterrestres.com.br</u> ou use o código QR para acessar.





### **REVISTA LAVOURA**



Com publicações semestrais, a Revista Lavoura publica textos em prosa e poesia, além de entrevistas, resenhas e críticas literárias em língua portuguesa.

As regras para submissão estão disponíveis no site da revista. Use a câmera do celular para abrir o Código QR ou clique no link revistalavoura.com.br.





### **REVISTA PRIMATA**



A Revista Poesia Primata é uma revista literária eletrônica que seleciona poemas a partir de livros já publicados. Os livros podem ser enviados em forma digital ou física.

Acesse as regras de publicação através do link <u>poesiaprimata.com</u> ou use o Código QR para entrar no site.





## **REVISTA TORQUATO**



Com o objetivo de divulgar o texto literário e as artes visuais, a Revista Torquato recebe colaborações em fluxo contínuo, tendo como norte combate ao racismo, lgbtfobia, machismo, fascismo e outras expressões de preconceito e desigualdade.

As diretrizes de publicação estão disponíveis no site <u>revistatorquato.com</u> e você também pode usar o Código QR para acessar:







Autores convidados Sidnei Olivio e Paulo Robson de Souza

## **POESIA IN VERTEBRAL**

Em 2019, os biólogos poetas <u>Sidnei Olivio</u> e <u>Paulo Robson de Souza</u> lançaram o e-book Poesia In Vertebral: nicho semiótico (JulienDesigner, 196p.) na livraria <u>Amazon.com</u>, cuja versão em inglês é assinada pelo botânico Arnildo Pott. Como o título indica, são poemas sobre os incríveis e importantes – muitas vezes incompreendidos – animais sem vértebras: abelhas, besouros, formigas, corais, lesmas, caracóis e tantos outros. Em março deste ano, doze dos poemas desse livro digital foram musicados pelo próprio Paulo Robson e Mestre Galvão e lançados nas plataformas musicais. O resultado você pode ouvir clicando <u>aqui</u> ou <u>aqui</u>. São interpretados pelas cantoras Joice Terra e Elouise Miranda. Lindas vozes, não acha? Separamos para você cinco desses poemas, ilustrados com fotos do livro. Vamos cantar?

### O PIRILAMPO

(Sidnei Olivio)

zunnnnnnnnnnnnn o pirilampo e seu zunido resume

a rota em que se encontra perdido

zunnnnnnnnnnnnne o pirilampo

sem rota

luze o voo vaga lumiando o encontro

zummmmmmmmbe o pirilampo e seu zumbido resume

a rota em que (agora) se encontra envolvido







## **COMIDA DE DEZ PÉS**

(Paulo Robson de Souza e Sidnei Olivio)

Caranguejo não é peixe Diz o canto popular. Se a maré não está pra peixe Vou de caranguejo-uçá: Casca rubra, carne branca Atiçando o paladar.

A ecdise do siri:
Pra crescer muda de casca
E antes que fortaleça
Essa nova carapaça
Vira gostosa iguaria
Siri mole com cachaça.

Lagosta é comida chique Filé mignon do mar. Na hora de fazer é preciso saber limpar: Tire a tripa da cauda e a cartilagem da barriga Na frigideira alho, manteiga e azeite E agora é só fritar.

### **METAMORFOSEANDO**

(Paulo Robson de Souza)



Que bicho é este que causa espanto... Que bicho é este que causa encanto...

Que bicho é este que se arrasta, Que bicho é este, de canudinho... Do corpo mole, da asa gasta Tão esquisito e tão... fofinho!

É a taturana... É a borboleta...





## ÁGUA-VIVA

(Sidnei Olivio)

bonita e estranha estranha e misteriosa misteriosa e perigosa perigosa e bonita

quase inteira de água

a "água-viva" é marinha com mania de queimar conhecida por medusa sem ossos e coração





## A PEQUENINA DAS FRUTAS

(Paulo Robson de Souza)



Olhos vermelhos da pitanga Língua macia de lamber Os veios da moranga Barriga cor de banana Asas de frutas Sob o arco-íris A doçura da manga

Drosófila! Nome poético (Poderia ser nome Da minha cachorrinha).

Mosquinha-da-fruta...

















Iolete Moreira, Samuel Medeiros (Presidente da UBE-MS), Cláudio Willer e Américo Calheiros em encontro literário -2013



Associados reunidos depois da reeleição de Samuel Medeiros como Presidente da UBE-MS





Sylvia Cesco, Ana Maria Bernardelli (Presidente da UBE-MS/2016) e Sagramor Farias na sede da Instituição





Alisolete Weingartner, Janet Zimmermann, Sylvia Cesco (atual Presidente da UBE-MS) e Juliana Feliz em noite de Assembleia



Jantar de confraternização – 2019 – Gestão do Presidente André Alvez



# **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

- 1- É permitida apenas 01 (uma) participação por associado em cada edição, com produção, inédita ou não, de sua autoria, desde que esteja, pelo menos, parcialmente em dia com a anuidade da UBE/MS.
- 2- O (a) autor (a) deve enviar uma breve biografia com, no máximo, 7 linhas e uma foto com boa resolução junto com seu texto para o e-mail: revistaliterariapiuna@gmail.com
  - 2.1- A foto deve ser enviada em arquivo separado (formato JPG).
- 3- Os associados poderão enviar até 03 (três) textos para a apreciação do Conselho Editorial, sob forma de poesia, prosa, conto, crônica, ensaio, artigo científico ou outras produções relacionadas à Literatura ou História Regional, porém, apenas 01 (um) texto será publicado, conforme item 1;
  - 3.1- No caso de artigo científico, o mesmo deverá estar relacionado à Literatura, devendo também estar de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).
- 4- Não serão aceitas matérias com textos em CAIXA ALTA.
- 5- Os textos deverão ser enviados na fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento simples, sem bordas, em arquivo do Microsoft Word, num máximo de 3 páginas, (exceção para matérias de capa), incluindo foto e minibiografia.

- 6- As produções poderão conter temas livres, exceto quando o Editorial da Revista especificar algum.
- 7- Não serão permitidos textos considerados ofensivos a pessoas, crenças, gêneros, raça e ideologias políticas.
- 8- A revisão dos textos é de responsabilidade de seus autores.
- 9- A Revista Piúna se reserva o direito de recusar a publicar qualquer texto avaliado como inapropriado ou que estiver em desacordo com os itens acima.

Revista Literária Piúna UBE/MS







"(...)

a mulher basicamente é pra ser um conjunto habitacional tudo igual tudo rebocado só muda a cor



particularmente sou uma mulher de tijolos à vista (...)"

(Trecho de "A mulher é uma construção", p. 45 - Angélica Freitas)

